



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**JOILDA ALBUQUERQUE DOS SANTOS**

**UM OLHAR SOBRE LEITURA COM...  
PARTILHANDO EXPÊRIÊNCIAS**

Salvador  
2009

**JOILDA ALBUQUERQUE DOS SANTOS**

**UM OLHAR SOBRE LEITURA COM...  
PARTILHANDO EXPERIÊNCIAS**

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação, apresentado ao Colegiado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Lícia Maria Freire Beltrão

Salvador  
2009

A meus pais, meu noivo, irmãos, amigos e entes queridos, que juntos caminharam comigo, em presença ou sentido; a meus mestres, pelo exemplo de dedicação, pelo que me fizeram compreender sobre a dimensão e o valor de ser mestre, de ser professora.

A Deus, pela dádiva da vida, pelas experiências vividas e pelas amizades construídas;  
a meus pais, Joel e Nilzete, pelo amor dedicado, pelos conselhos que me foram dados;  
a meus irmãos e amigos, pelo apoio e companheirismo.  
a meu noivo, Marcos Vinício, por todo incentivo e amor dispensado.  
à minha orientadora, Lícia Beltrão, e demais mestres, pelo conhecimento partilhado,  
experimentado, vivenciado,

sou muito **grata**.

“Cultivar as letras é querer saber das coisas, é cultivar o intelecto, a força de entendimento. A quem deseja enveredar por este caminho, recomenda-se: leia os bons romances, descubra filósofos sérios, aprenda amar poesia”.

Moriconi, 2009

**JOILDA ALBUQUERQUE DOS SANTOS**

**UM OLHAR SOBRE A LEITURA COM...  
UM PROJETO E SEUS DESAFIOS**

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação, apresentado ao Colegiado, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Banca Examinadora:

---

Profª Mary de Andrade Arapiraca

---

Profª Regina Lúcia de Araújo Gramacho

---

Profª Lícia Maria Freire Beltrão - Orientadora

## SUMÁRIO

1. E tudo começa assim.....	09
1.2 Projeto Leitura com.....	11
2. E por falar em leitura.....	14
2.1 Era uma vez a literatura.....	18
2.2 A Literatura Infantil.....	21
3 Gestos de Delicadeza.....	23
3.2 Encontro com a autora e sua obra.....	24
3.3 Vozes dos leitores de Roseana Murray.....	25
3.4 Encontros e mediação.....	26
3.5 Tecendo fios sobre poesia.....	28
4 O Bazar do Ricardo.....	31
4.2 Encontro com o autor e sua obra.....	31
4.3 Encontro e mediação.....	33
4.4 Literatura popular.....	35
5 Literatura para todos.....	38
5.1 Coleção Literatura para todos”.....	40
5.2 Gêneros Literários.....	44
6 Daniel Munduruku, sua historia e outras histórias.....	46
6.2 Encontro com o autor e sua obra.....	47
6.3 Encontro e mediação.....	48
6.4 Leitura na biblioteca.....	49
7 Do Reino das Águas Claras ao Candeal.....	52
7.2 (R)Encontro com Lobato e sua obra.....	54
7.3 Encontro e mediações.....	56
7.4 Literatura Lobatiana.....	57
8 Notícias do Sítio: O São João está sendo preparad..o.....	59
8.2 Cultura popular.....	51
9 Por fim.....	63
Referências.....	65

## RESUMO

Este estudo visa compartilhar as atividades de leitura desenvolvidas no projeto leitura com..., que compõe o grupo de projetos do Permanecer na UFBA, durante o período 2008-2009 e inscrito no grupo GELING da Faced-UFBA bem como possibilitar reflexões sobre a contribuição por ele trazido para minha formação como bolsista do projeto e como estudante que, ora conclui o curso de pedagogia. tomando como apoio considerações de Nely Coelho, Marisa Lajolo, Teresa Colomer, Eni Orlandi, Vera Aguiar, Eliane Lopes, Ezequiel Silva, dentre outros, o estudo debate a leitura e a literatura, base de todo o projeto leitura com..., sua repercussão entre os leitores que participaram das atividades programadas e realizadas, e os efeitos de sentido, voltados para mim. Para realizá-lo, a leitura foi assumida como procedimento que dirigiu todo o estudo como também a discussão de dados todas as atividades e textos que foram lidos para sua realização e também o contexto no qual cada atividade aconteceu. Os resultados mostram a importância do projeto na minha formação, conseqüentemente, sua importância na formação de qualquer estudante de Pedagogia que tenha expectativas de se tornar leitor atuante nas diferentes práticas de leitura escolar, incluindo as realizadas em bibliotecas.

**Palavras-chave:** Leitura, Literatura, Mediação.



## 1. E tudo começa assim...

Como a vida nos proporciona encontros mágicos, encontros que nos fazem viver ou reviver o desejo de querer aprender mais sobre aquilo que aprendemos a gostar! Motivada pelo desejo de sair do lugar cômodo de leitora que está satisfeita com a condição que adquiriu, ao longo do processo de alfabetização e letramento, procurei outros rumos para tornar-me uma leitora mais experiente e perspicaz, capaz de ser não só mediadora do conhecimento, mas, também, compreender mais o fascinante universo da leitura, a leitura que desperta, encanta, diverte e aproxima mundos diversos, numa instância factual e mágica entre o leitor e as palavras tecidas em um objeto expressivo chamado livro.

E, compreendendo que para alcançar esse objetivo, o caminho sensato seria investir na busca de conhecimento sobre a própria leitura, suas dimensões, ato e prática, para ampliar a visão sobre a mesma, pareceu-me importante e propício inscrever-me na disciplina “Oficina de leitura: Por que ler...”, o que de fato fiz e acredito ter feito a escolha acertada. Pois foi aí que, embalada pelas histórias lobatianas e poesias daqui, dali e de acolá, embarquei nas viagens literárias propostas pela professora Lícia Beltrão, que fizeram despertar/reacender o desejo de contar histórias e recitar poesias, cultivando sonhos e fantasias, encantamentos e magia nas crianças de hoje e nas que já foram um dia.

E, foi em meio às reinações de Narizinho e à reinação das poesias, no Sítio do Pica-Pau Amarelo, imergindo num sentimento de encantamento e satisfação, que passei a entender melhor a importância do papel do professor como mediador responsável por abrir o apetite dos seus alunos para a leitura, fazendo uso de estratégias precisas para motivá-los a serem leitores competentes, críticos, desconstruindo ideias propagadas, ao longo da história, de que o leitor, sabendo decodificar as palavras, ele já é um leitor pronto. Para nos fazermos leitores, precisamos, mesmo, aprender com o outro, na experiência com o outro, no caso do educando, com seu professor, a gostar de ler, ter satisfação em escutar as leituras, pois como diz Bajard (2005 p.95): “Escutar estórias abre o apetite para a leitura”.

Durante boa parte de minha vida escolar, a leitura não foi uma atividade fascinante e prazerosa como deveria ser. Ler repetidas vezes a lição, ler o livro de literatura para responder perguntas precisas, sem errar uma vírgula do que dizia o autor, era a prática da leitura que vivenciava. A leitura, portanto, tornou-se enfadonha e não me proporcionava satisfação,

desejo de ler mais, ler tudo a que tivesse acesso. E, por mais que pareça fácil desconstruir as experiências e visões acumuladas, levou tempo para que eu pudesse ter o desejo de descobrir o interesse e curiosidade em saber das coisas que existem dentro dos livros e de compreender a importância, o significado da leitura como oportunidade de conhecer o mundo, as coisas, conhecer o outro e a mim mesmo e também enxergar a leitura como possibilidade de voo. Sim, voo, mesmo que os pés estejam no chão.

Minha primeira experiência, nesse sentido, ocorreu, quando fiz o curso pré-vestibular. No curso, tive a felicidade de conhecer uma professora da área de Letras que recitava sempre um poema, no início de sua aula, o que me motivou a ser frequentadora assídua das suas aulas. Ficava sempre na expectativa de ouvir mais, embora, confesso não me lembrar dos poemas que lia. Sei que lia Drummond, Castro Alves e outros clássicos da literatura brasileira e, justamente por não ter a lembrança dos poemas, é que concluo que não foi, na essência, o conteúdo dos poemas que me marcou, mas a forma delicada e expressiva com que eram lidos os poemas. Lembro-me de se tratar de uma leitura gostosa de ouvir, daquelas que, enquanto ouvimos, nossos pensamentos viajam, são transportados para além, onde “o tempo passa pequeno e sem presa” como diria Munduruku<sup>1</sup> (2006, p.6). Mas, como não me era familiar o contato e uso dessa forma de leitura, as aulas de literatura passaram a ser as prediletas.

Ao ingressar na universidade, nos primeiros semestres, revivi os mesmos sentimentos de enfado e desânimo ao ler textos complexos, às vezes, indecifráveis, desconexos considerada minha pouca experiência de leitura de textos científicos imersos em sua linguagem pragmática, informativa, que exigia uma leitura parafrástica, conforme Orlandi (1983). Mas qual não foi minha surpresa, no primeiro semestre de 2008, ao me matricular na disciplina “Oficina de leitura: Por que ler...” ao vislumbrar a possibilidade de aprender não só para ampliar meu conhecimento, mas principalmente, para aprender a arte de ler, a arte de fazer o outro sentir satisfação, gosto pela leitura. Assim, a participação nas atividades propostas nesta disciplina, atendendo às minhas expectativas, proporcionou o desenvolvimento de capacidades que acredito ser necessárias e incorporadas à prática pedagógica de todo futuro educador e, em especial, quem trabalhará com as séries iniciais nas quais estarão os alunos em fase de desenvolvimento da aquisição da leitura e escrita.

---

<sup>1</sup> Daniel Monteiro Costa (Daniel Munduruku), escritor, formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Autor de: Histórias de índio, Você se lembra pai, Contos indígenas brasileiro, Estranho sonho de futuro, Histórias que ouvi e gosto de contar, Tempo de histórias.

Para tanto, o professor em formação, e por que não dizer os já formados precisam se desvencilhar da postura limitada de querer envolver o aluno, fazendo-o aprender a gostar de ler, utilizando o processo mecânico de decodificação do texto, realizando leituras sem significados para seus alunos.

Todas essas questões e outras mais, percepções, sentimentos guardados no pensamento foram elementos desencadeadores de desejo e interesse posteriores capazes de fazerem querer, não só conhecer o que estão apreendidos nos gêneros textuais diversos, mas compartilhar com o outro, e, assim, provocar também, no outro, a sensação e o desejo de ler, e como leitor experiente, ser capaz de sentir a leitura.

Assim, ao ter conhecimento, ao final da disciplina “Oficina de leitura: Por que ler...” que a professora Lícia Beltrão e Mary Arapiraca estavam com um projeto a ser inscrito no Programa Permanecer na UFBA<sup>2</sup>, financiado pela Fapex, cujo objeto de atividade/investigação seria o ato de ler, entrei em contato e expressei o meu desejo de participar do projeto. Tendo sido selecionada, contemplada, portanto, passei a fazer parte do projeto intitulado “Leitura com...”. Esse, apesar da simplicidade do título, foi responsável por ações corajosas e desafiadoras protagonizadas pela orientadora Lícia Beltrão, por mim, Joilda Albuquerque (aluna do curso de Pedagogia) e Marília Santos (aluna do curso de Letras), entre outros coparticipantes que merecem ser também lembrados e assim serão, no decorrer deste relato que compõe o estudo monográfico, que tem como objetivo compartilhar as experiências vivenciadas no desenvolvimento do projeto e trazer para discussão e ampliação do debate questões da prática social da leitura e sua função na formação do pedagogo, na minha formação, portanto.

## **1.2. Projeto Leitura com...**

No ano de 2007 a Lei de nº 7.097 da Câmara Municipal de Salvador, estabeleceu o ano Municipal da Leitura, motivando, assim, a produção do projeto de pesquisa “Observatório de leitura”, vinculado ao Projeto Salvador Lê, desenvolvido no Geling - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem da Faculdade de Educação o qual vem realizando

---

<sup>2</sup> Programa de formação integrada e apoio social aos estudantes da Ufba cujo objetivo é assegurar a permanência bem sucedida de estudantes em vulnerabilidade sócio-econômica por entender que estes têm maior probabilidade de ter que adiar ou mesmo interromper sua trajetória acadêmica devido a condições desfavoráveis que interferem concretamente na sua presença no contexto universitário.

procedimentos e atividades de leitura diferenciados, com objetivos diversos, todos voltados para o ato de ler na sua diversidade. Deste projeto originou-se o Projeto Leitura com..., coordenado, no ano de 2007-2008, pelas professoras Mary Arapiraca e Lícia Beltrão, integrantes do grupo de estudo e no ano de 2008-2009, apenas pela professora Lícia Beltrão. O projeto tinha como objeto de investigação o ato de ler cooperativo e os níveis de participação presencial e não-presencial dos leitores envolvidos no movimento. Além de sua peculiaridade como projeto de pesquisa, Leitura com... se elevou à condição de proposta de extensão que se constituiu na realização de atividades de leitura em espaços comunitários, atingindo uma população de leitores ou não leitores. E, como o mundo não se limita a leitura livresca, o projeto teve em vista desenvolver práticas letradas de diferente porte, como forma de acesso às múltiplas linguagens. A concepção de leitura proposta e o seu movimento desenvolveram-se em uma via de mão dupla no sentido de garantir que às práticas de letramento próprias das comunidades, fossem introduzidas outras experiências como estratégia de produzir novas necessidades de leitura.

Para execução do projeto, a idéia, a princípio, era formar um grupo de aproximadamente dez bolsistas, com vistas a atingir uma área significativa de Salvador, para a realização de práticas de leitura em espaços comunitários com procedimentos e atividades diferenciadas, de forma a atingir jovens e adultos já leitores ou não. Contudo, pelo fato de o projeto ter sido contemplado com apenas uma bolsista, foi necessário fazer uma adaptação, limitando o espaço a ser alcançado pela bolsista, o que de fato ocorreu. A bolsista Normaci Correia dos Santos – graduanda do curso de Biblioteconomia, selecionada para participar do projeto, em 2007-2008, passou a desenvolver nas comunidades: Ilha Amarela (subúrbio de Salvador) Bravo, Serra Preta (onde morava), atividades de leitura (às vezes dramatizada) de textos: crônicas, contos e poemas, contando com a participação do público de jovens e adultos, que não frequentavam a escola, sendo as atividades realizadas, preferencialmente, no período noturno.

Visando à continuidade e ampliação do raio de atuação do projeto, com vistas a alcançar crianças, jovens e adultos leitores ou não leitores, bem como a ampliação de estudos concernentes a questões da teoria e prática social da leitura, em julho de 2008, o Projeto Leitura com... foi reescrito, passando a contar com duas bolsistas: Joilda Albuquerque dos Santos, graduanda do curso de Pedagogia, e Marília de Jesus Santos, graduanda do curso de

Letras. Visando à superação de possíveis dificuldades, no percurso, em virtude da falta de segurança presente em nossa cidade, inclusive nos espaços da periferia idealizados para a realização das atividades do Projeto Leitura com..., foi acordado que a realização das atividades fossem vinculadas a espaços onde pudéssemos atuar com tranquilidade. Com isso, o projeto passou a desenvolver ações conjuntas com o Projeto Livro Livre Salvador<sup>3</sup>, desenvolvido no ICI – Instituto de Ciência da Informação, sob a coordenação da professora Vanda Angélica; a EDC- 326 - Oficina de Literatura: Por que ler...? e EDC- 306 - Leitura e Produção de Texto, disciplinas do curso de Pedagogia, ministradas pela Prof<sup>a</sup> Lícia Beltrão.

A parceria com esses segmentos da educação, todos no âmbito da Universidade Federal, da Faculdade de Educação, principalmente, nos deu oportunidade de desenvolver atividades de leitura para e com o outro, em espaços públicos como: Praça Divaldo Franco no Shopping Iguatemi; Largo do Garcia, Praça do Candeal Pequeno; Biblioteca Juracy Magalhães Júnior e Escola Comunitária Maria de Lurdes. Foi possível, por meio dessas atividades, realizar “leituras compartilhadas”, socializar obras literárias de autores contemporâneos, e nessas experiências pessoais ou coletivas, ser beneficiada pelo exercício de leituras prazerosas que nos possibilitaram experiências enriquecedoras para o exercício da prática pedagógica profissional. Na continuidade, apresento as atividades realizadas que foram:

- Gestos de Delicadeza – leitura do livro Manual da delicadeza de A a Z de Roseana Murray, Shopping Iguatemi, Praça Divaldo Franco;
- Bazar do Ricardo - leitura de contos, adivinhas e declamação de poemas extraídos dos livros Armazém do folclore e Dezenove poemas desengonçados de Ricardo Azevedo, Largo do Garcia;
- Daniel Munduruku: sua história e outras histórias – contos extraídos do livro Histórias de índio, Você se lembra pai? Contos indígenas Brasileiro, Estranho sonho de futuro, História que ouvi e gosto de contar, Tempo de histórias de Daniel Munduruku, Biblioteca Juracy Magalhães Júnior;

---

<sup>3</sup> Projeto de incentivo à leitura que tem como objetivo ampliar o número de leitores, estimulando pessoas e instituições a desenvolverem ações coletivas e estratégicas que incentivem a circulação de livros em locais públicos.

- Do Reino das Águas Claras ao Candeal - leitura de fragmentos do livro *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato, bairro Candeal Pequeno;
- Notícias do Sítio: O São João está sendo preparado – leitura de poemas de Manuel Bandeira, Escola Comunitária Maria de Lourdes, situada no bairro Candeal Pequeno;
- Leituras e viagens – leitura e estudo individual da coleção *Literatura para todos*, disponibilizada pelo MEC.

## **2.E por falar em leitura**

No Brasil, deu-se um fenômeno que atinge a toda população brasileira, mas, em especial, a um grande grupo que ainda tem na cultura oral sua referência única. Como apontaram alguns de nossos mais expressivos pensadores no campo das Ciências Humanas, entre eles Nelson Werneck Sodré, o Brasil passou abruptamente de um estágio de oralidade para a cultura do audiovisual, já desde meados do século XX, quando a indústria cultural se fez onipresente entre nós, sem que houvesse efetiva mediação da cultura letrada, na medida em que essa nunca chegou a alcançar largas faixas da população, restringindo-se a pequenos e localizados grupos sociais.

Durante muito tempo, a leitura de textos escritos ficou restrita às classes dominantes. Somente quem detinha considerável poder aquisitivo tinha a oportunidade de acesso à educação básica, a livros e, conseqüentemente, desenvolvia a competência leitora. Assim, o processo de apropriação dos textos escritos pela leitura que deveria ser democratizado, na verdade, até o presente momento, em pleno século XXI, e com todo avanço das tecnologias, não conseguiu atingir esse objetivo. (Paiva, 2004). Como prova disso temos no Brasil um considerável índice de indivíduos que não leem o escrito. Pesquisa na área educacional (IBGE, 2007), por exemplo, mostra que os alunos brasileiros, de modo geral, possuem baixo grau de proficiência em leitura.

Segundo esta pesquisa 2,1 milhões de crianças brasileiras de 7 a 14 anos, embora matriculadas na escola, não estavam alfabetizadas. O dado coloca 7,4% dos jovens dessa faixa etária na condição de "iletrados escolarizados", representando 87,2% do total de 2,4 milhões de crianças desse grupo de idade (8,4% do total) que não sabem ler nem escrever. Tais

indicadores põem em xeque a qualidade do ensino no Brasil.

Embora o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), do Ministério da Educação (MEC) tenha sinalizado que esses dados demonstram um avanço com relação aos anos anteriores, há muito ainda a ser feito para que esse problema não continue sendo um fator de exclusão social, que marginaliza e subjuga o indivíduo à condição de analfabeto, gerando sentimento de inferioridade e frustração. E à escola, que é o “espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo” (Coelho. 2000, p.16), compete o trabalho de enfrentamento deste problema, tendo a sensibilidade de perceber que a leitura é um instrumento importante na construção do ser cidadão e promoção da autonomia. Mesmo que o indivíduo seja capaz de realizar a leitura do mundo que, segundo Freire (1989), precede à leitura da palavra, é necessário que o homem seja capaz de realizar a leitura das palavras, compreendê-las e tecer reflexões, num dinâmico processo de “construção de sentidos”, pois como se lê nos Parâmetros Curriculares, da Língua Portuguesa:

O domínio da língua, oral e escrita é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (PCN. 1997, p. 15)

A leitura não pode ser tratada como uma atividade cognitiva simples, como também não como ato mecânico, pois como podemos compreender, a leitura é uma atividade social que envolve participação com o outro, construção de conhecimentos relevante à formação do ser. Além disso, é imprescindível valorizar o ato da leitura para além do exercício de codificação e decodificação de palavras, textos, que avaliam a competência lingüística do indivíduo. Como diz Muniz e Lima (2007, p.146),

a leitura contribui para que o indivíduo assuma uma postura diante do mundo. Ela possibilita, assim, muito mais do que apenas um conhecimento informativo ou mesmo o mero prazer de ler. Perceber a leitura de forma reducionista e instrumental limita a sua capacidade de contribuir para a formação integral do ser humano. A leitura deve assumir o seu papel como construtora de significados.

Embora seja uma atividade que precisa ser ensinada e aprendida por meio de estratégias, mediação e intervenção, a leitura não deve ser confundida com o processo de alfabetização realizada em uma classe. Esta é uma atividade que tem como prática a aprendizagem de normas gramaticais, tradução de símbolo, aquela que se caracteriza como “processo civilizatório de reflexão e compreensão da realidade (...), de inserção do homem na história e no seu tempo através da análise crítica dos registros (...), veiculados pela escrita e vai se consolidando por meio da interação entre leitor/texto, leitor/autor, leitor/ leitor”. (Silva, 1948).

Não limitada a espaço e tempo, a leitura está intrinsecamente relacionada com “atividades compartilhadas” (Colomer, 2007). E essas atividades possibilitam uma “construção de sentidos” (Koch, 2002) e compreensão do mundo, a partir das experiências e conhecimentos que o indivíduo adquire através da interação com o texto, do diálogo com as idéias do autor. Assim, os sentidos vão sendo construídos, tendo em vista o contexto de vida, os conhecimentos prévios do leitor.

Sob a ótica da análise do discurso, para (Orlandi. 1983, p.20), “a leitura é produzida”, é fruto da “ação”, é processo de interação. Além disso, a autora considera a leitura como “o momento crítico da construção do texto” que se processa por meio da “interação verbal entre os interlocutores”, que “desencadeia o processo de significação”(…), instaurando, assim, “o espaço da discursividade”. De acordo com as “condições de produção”, a autora aponta para dois tipos de leituras: a leitura polissêmica que seria aquela em que o leitor tem liberdade para atribuir “múltiplos sentidos ao texto”; já a leitura parafrástica, como o grau de inferência do leitor é menor, ele é limitado à “reprodução do sentido dado pelo autor” ao texto (Orlandi. 1983, p.23).

O educador que deseja formar cidadãos críticos e participativos e que estão cientes da necessidade da leitura na vida do docente precisa considerar e valorizar aspectos como “o caráter dialógico do ato de ler, que possibilita ao leitor a interação com ele mesmo, com o autor e com a realidade”. (Muniz e Lima 2007, p.144). Para isso é importante o professor não só ter conhecimento teórico dos processos de aquisição da leitura, mas ser capaz de mediar a leitura, na busca da formação de leitores críticos e conscientes do seu papel de ser social, cultural e político no mundo. E, com os sentidos aguçados, os educadores devem ir ao encontro dos anseios dos educandos, observando também o contexto de vida desses leitores,



novos leitores, favorecendo leituras que poderão dialogar, interagir com eles, como é o caso dos textos literários.

O acesso ao texto literário pode capturar os neoleitores jovens e adultos para a prática social da leitura e torná-los leitores ativos por excelência. O texto literário possibilita a produção de significados e sentidos e contribui para que os sujeitos façam leituras críticas do mundo e para que possam criar novas possibilidades para a vida. Mas a leitura por si só não é uma poção mágica que possa enfrentar as mazelas do sistema educacional e do mundo. (Rev. Bras. De Educ. 2007)

O ensino da leitura relacionado à literatura, frequentemente, é realizado a partir dos livros didáticos, dos trechos fragmentados das obras literárias. Disso me atrevo a falar por conhecimento, por ter vivenciado, no Ensino Básico, em minha formação inicial. A prática da leitura, nas séries iniciais do ensino fundamental, que deveria “funcionar como a porta de entrada do jovem ao mundo do conhecimento”, quase sempre se resume à leitura de livros intencionalmente selecionados para trabalhar normas de procedimentos ou exercícios decifração do texto (Zilberman, 2009). A leitura que “é mais do que um processo de apropriação e reprodução de significados”, é agente de transformação, de ampliação do conhecimento sobre si e o mundo, de estímulo à reflexão, desenvolvimento da criatividade (Silva, 1948).

Porém, é importante termos a sensibilidade para perceber que, no processo de estímulo à leitura, é necessário contar com aqueles que também direta e indiretamente são cooperadores nesse processo, pois nele há de haver não só professores, mas pais, avós, tios que possam compartilhar leituras, histórias, contos, fábulas, sentados à roda, ao fim da tarde ou à beira da cama ao fim do dia.

A preocupação com a leitura e escrita dos alunos brasileiros, entretanto, não é restrita à escola e família, está assegurada legalmente. O presidente da República, representante do poder público, no uso de suas atribuições, decretou e sancionou, em 29 de dezembro de 2003, a Lei nº 10.833 que instituiu a Política Nacional do Livro. No capítulo I do Art. 1º, a lei propõe:

I- assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;

V- promover e incentivar o hábito da leitura;

O Capítulo IV da Difusão do Livro nos mostra que:

**Art. 13.** Cabe ao Poder Executivo criar e executar projetos de acesso ao livro e incentivo à leitura, ampliar os já existentes e implementar, isoladamente ou em parcerias públicas ou privadas, as seguintes ações em âmbito nacional:

I - criar parcerias, públicas ou privadas, para o desenvolvimento de programas de incentivo à leitura, com a participação de entidades públicas e privadas;

II - estimular a criação e execução de projetos voltados para o estímulo e a consolidação do hábito de leitura.

Considerando isso na realidade mais próxima, lembramos que a Prefeitura Municipal de Salvador estabeleceu o ano de 2007, como Ano Municipal da Leitura. Isso serviu de incentivo à criação de projetos voltados para atender à necessidade de desenvolvimento da competência e o gosto pela leitura, como é o caso do Projeto Leitura com... este projeto compreendendo a importância de “compartilhar livros”, compartilhar a leitura das obras literárias com crianças, jovens e adultos, desenvolveu atividades práticas de leitura, em comunidades de Salvador, com vistas a não só socializar a literatura, despertando o desejo de ler, mas desencadear mudanças no modo de percepção da leitura, pelo aluno e professor em formação, uma vez que: “Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor” a leitura dos/nos livros. (Colomer, 2007, p.143)

## **2.1.Uma vez a literatura**

Usando da subjetividade e um pouco de Emilidade começo essa prosa dizendo que a literatura é arte, criatividade, pluralidade, partilhabilidade, e pra quem gosta dessa inventividade é pura felicidade ouvir histórias, seja na escola ou nas praças da cidade. Fazendo uso dessa genialidade, podemos escrever até onde a imaginação puder sobrevoar, podemos falar sobre sentimentos perdidos no tempo e com o tempo, sobre os acontecimentos, coisas passadas ou do momento. E com toda imaginação em ação, tendo grandes idéias, podemos até voar, comunicar ao outro e nos comunicar com outro de qualquer idade ou lugar, falando coisas da vida, coisas da gente, coisas que importam ou não importam pra muita gente, falar de cultura, de questão social, do mundo factual. Enfim com a literatura podemos aprender, ensinar, brincar, inventando e reinventando histórias, poesias, prosas que crianças, jovens e velhos podem gostar e se identificar.

Nesse instante em que me ponho a escrever sobre a literatura, me sinto tomada por um sentimento de encantamento que conduz os meus pensamentos, me sinto leve, me sinto livre e desejosa de escrever coisas que aprendi. Ler literatura, gostar de falar de literatura nos faz sentir assim, como se retornássemos à infância, no coração, a alegria das coisas simples e delicadas da vida. Assim é a literatura, daqui ou de acolá, com suas palavras cheias de graça e fantasia, nos conduzindo a um mundo onde tudo é possível, basta querer, basta sonhar, basta imaginar, e pronto a magia se realiza, no mundo imaginário, no mundo literário.

Depois dessa viagem inevitável ao pensar em “literatura”, prosseguirei a falar dela, numa outra perspectiva, embasada, entusiasmada por outra literatura, aquela que me dá informação, que requer assimilação das idéias e sentidos atribuídos por outros autores.

Definir literatura não é uma tarefa simples. Ao longo dos tempos, literatura teve vários conceitos e significados conforme o contexto histórico e cultural da época. Ainda hoje não se tem uma concepção definitiva, como podemos inferir a partir das leituras realizadas. Para tanto, compartilho com os presentes leitores considerações, fruto de leituras, que considero serem relevantes na ampliação, re/construção do conhecimento sobre literatura.

Com a ajuda de autores experientes como Colomer descobri que, ao longo dos tempos, a “literatura foi vista como um luxo supérfluo, algo próprio das elites sociais e abissalmente distanciado das necessidades da maioria da população, que deveria aprender a linguagem escrita o mais depressa possível para poder começar a ganhar vida.” ( 2007, p.35)

Recorrendo ao minidicionário da Língua Portuguesa de Ruth Rocha (1996), disponível para alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, nas escolas públicas, encontramos a definição de literatura como: “Arte que emprega como instrumento a palavra; conjunto de obras sobre uma arte ou ciência”. Estas definições retratam a literatura como “arte”, linguagem que se caracteriza como atividade de expressão de sentimentos, de idéias, de pensamento sobre determinada experiência ou conhecimento.

A literatura, além de ser uma fonte de informação e conhecimento, é uma das “dimensões culturais” que também oferece condições para o desenvolvimento do ser humano e, por essa razão, podemos dizer que pode servir como instrumento de desenvolvimento de

competências e meio de ensino de muitas áreas do conhecimento, como no ensino da leitura, escrita, história, arte. (Coelho, 2000)

Segundo Coelho (2000), a literatura seria um possível ponto de partida, norteador, para a reforma do ensino educacional brasileiro, capaz de integrar as mais diferentes áreas do conhecimento. Além disso, a autora ressalta em seu livro “Literatura: arte, conhecimento e vida”, o caráter artístico da literatura, uma arte que expressa o conhecimento que o homem tem de si, do mundo, de sua cultura uma vez que a literatura é reveladora de peculiaridades da história de vida e de mundo de homens e mulheres que usaram a linguagem (literária) para registrar seus pensamentos, sentimentos e seus valores, revelando sua identidade cultural e de seu povo.

Uma das qualidades notáveis da literatura, segundo Zilbermam (2009, p.128), seria a condição de “criar novos horizontes, de prover acesso a uma versão de mundo que vai além do que conhecemos”. No mundo ficcional, temos possibilidades que não seriam próprias no mundo real e é justamente isso que fascina crianças, jovens e porque não dizer adultos que vivem entediados da vida dura e realista, na qual não há oportunidade de outra realidade. E conhecendo novos mundos, através da literatura, o leitor poderá vislumbrar uma “nova maneira de ser no mundo da realidade cotidiana”, no seu mundo real.

Há de haver quem diga: Para que serve literatura? A estes então com a ajuda de Colomer (2007) eu diria que a literatura, em outros tempos, e no contexto em que vivemos, serviria não só para contribuir na formação de cidadãos leitores e escritores, mas também para despertá-los para que nenhum mais seja leigo leitor vítima de um sistema educacional falho.

Realizando esses estudos sobre a literatura, compreendi com ajuda, é claro, dos autores em especial Colomer, que a literatura é um dos instrumentos humanos que, melhor ensina

“a se perceber que há mais do que se diz explicitamente.” “(...) aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio. (COLOMER, 2007, p.70.

## 2.2.Literatura Infantil

A realização do estudo sobre o percurso da literatura infantil brasileira nos leva a perceber que a produção desse gênero endereçada à criança nasceu tardiamente como afirma Lajolo (1986). Enquanto na Europa desde 1697 já circulava entre as crianças materiais destinados ao público infantil, aqui no Brasil, esse tipo de produção veio a ocorrer a partir do século XIX. A partir dos anos 70, quando ocorreu o fenômeno literário conhecido como “boom da literatura”, a literatura infantil, fora posta em xeque, passando a ser repensado o seu papel na vida da criança, sendo proposta que essa literatura fosse desvinculada de preconceitos, discriminação e desrespeito (Coelho 2000) . Para Nelly Coelho, é importante a valorização da literatura (infantil ou não) como experiência humana; a descoberta do poder da palavra, dialética entre razão e imaginação, que contribui na redescoberta do eu na interação com o outro,

um fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e suas possível/impossível realização, (...) fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis bem como da vida cultural das sociedades.

A autora defende essa literatura como recurso importante a ser explorado pela escola, instituição que, para ela, deve privilegiar os “estudos literários que estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua”. E sendo a leitura um dos caminhos que favorecem a construção do ser, através do trabalho com a literatura, leitores espontâneos, críticos e autônomos serão formados, sendo capazes de ler, interpretar e realizar suas escolhas.

A partir da análise do percurso histórico da literatura infantil, podemos perceber os “elementos e recursos textuais utilizados para estabelecer sua identidade como produção diferenciada das narrativas dirigidas ao leitor adulto, bem como compreender a representação infantil presente nas obras”. Essa produção literária foi se consolidando, à medida que autores como Lobato elabora narrativas a partir de uma linguagem desapegada da realidade mas fundamentada na valorização da fantasia, da imaginação, características marcantes na criança. (Lopes 1999 p.13).

Através de autores como Monteiro Lobato, a partir da década 20, as narrativas para crianças tomam novo rumo. O autor marca época, ao dar um novo tratamento à literatura infantil, que antes era fundamentada no contexto adulto. Passa a ser criada sob a perspectiva de atender a necessidades das crianças, de desenvolver a criatividade, a fantasia e principalmente, despertar o desejo da criança querer morar dentro dos livros. Com uma produção fundada na imaginação, Monteiro Lobato se contrapôs a “(...) uma produção que tinha como parâmetro a construção de um texto de caráter realista, que retratasse o cotidiano infantil e apresentasse modelos de comportamento, valores e atitudes a serem incorporados pela criança”. (Lopes, 1999, p.16)

Mesmo não sendo desprezado o potencial de imaginação da criança, a literatura trabalhada nas escolas era “perniciosa” ao desenvolvimento da criança, uma vez que veiculava hábitos e comportamentos, preceitos morais, inserindo-a na realidade do mundo adulto. E, se opondo a essa postura, o escritor Lobato – inconformado com os padrões que regiam o gênero se deteve a fazer uma releitura das obras literárias destinadas à criança, rompendo com os moldes estabelecidos, criando livros onde as crianças quisessem morar. Sentimento vivido por ele na infância no livro Robinson Crusoe, por exemplo. Lopes( 1999, p.17)

O que de fato Lobato fez, foi construir uma literatura diferenciada, com uma lógica característica do mundo ficcional, pois sua literatura destinada ao público infantil tornou-se veículo de linguagem capaz de transportá-lo para outros mundos. Em *Reinações de Narizinho*, somos convidados a mergulhar junto com a personagem ao mundo fictício do Reino das Águas Claras, por exemplo. Por isso é importante os professores estarem atentos à natureza do conhecimento infantil e perceber-se como sujeito produtor e portador de um saber transformador de sua própria prática.

Reforçando esta proposição, Pinto (2005, p.83) afirma que necessário se faz “o educador considerar o educando como um ser pensante, um produtor de idéias, dotado freqüentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente”. Todavia, para que possa ponderar esses aspectos, tendo uma ampla visão do processo de ensino aprendizagem da leitura e outros processos, o professor precisa ter preparo teórico, prático e metodológico, de forma a levar seus alunos a alcançarem autonomia na leitura e escrita, ou seja, serem alfabetizados.

Também preocupado com o destino da literatura, Aguiar (2001, p.16) menciona que nos tempos modernos, a literatura infantil tem sido um “objeto cultural” confundido com produtos como jogos, CD-Roms e livros didáticos, o que preocupa, pois isso, como afirma o autor, leva a dúvidas quanto ao valor literário da literatura infantil, que, sendo definida pelo seu destinatário, segundo (Zilberman, 1981), é por alguns considerada pueril, sem muita relevância.

Sobre essa temática ainda a autora Colomer dá um parecer que acredito ser relevante para enriquecer e ampliar nossa discussão.

“O itinerário infantil das leituras, iniciado na primeira infância, amplia-se à medida que as crianças crescem(...) é a sua participação em um ato completo de comunicação literária o que lhes permite avançar por esse caminho”. (COLOMER, 2007, p.60)

O projeto Leitura com... valorizou a leitura da literatura, principalmente. Passo agora a expor as atividades desenvolvidas e as aprendizagens ocorridas.

### **3. Gestos de Delicadeza**

No dia 25 de agosto do ano de 2008, oportunamente foi realizada a primeira atividade do Projeto Leitura com... O foco foi a leitura/recital de poemas. Tal evento foi concretizado no Shopping Center, Iguatemi, na praça Divaldo Franco.

Sob inspiração da obra da escritora Roseana Murray (2001) o “Manual da Delicadeza de A a Z” foi organizado um recital com a participação de treze leitoras, sob a coordenação da Professora Lícia Beltrão, (orientadora do Projeto Permanecer) e dos professores integrantes do GELING, José Romilson Nascimento e Aline de Oliveira. Em meio aos preparativos, emoções e sentimentos, questionamentos foram aflorando: Será que doces versos encantados, iluminados de amor, coisas simples e belas poderiam mover os corações desassossegados, cansados de homens e mulheres, que talvez estivessem saindo ou chegando da jornada de trabalho, de compromissos tais que deixam suspensas a sensibilidade e o afeto? Que fazer para conduzi-los, com sutileza, ao alfabeto das delicadezas? Será que conseguiríamos

transmitir, com delicadeza e sentimento, as palavras de afago, de carícia, de esperança, escolhidas e trazidas do reino das palavras pela poeta Roseana Murray e guardadas em seu “Manual da Delicadeza de A a Z” (2001)? Qual ou quais estratégias então usaríamos para atrair atenção de maneira que fossem ouvidas e sentidas as palavras doces e delicadas que foram colhidas do jardim das poesias?

Para isso houve empenho e dedicação na leitura da obra, afinco e motivação mútua, para que - por meio da leitura - fosse possível comunicar, contagiar e emocionar os ouvintes. Assim as estratégias foram tecidas a cada encontro: reunião, sob a liderança dos professores referidos. O grupo, constituído por Ana Cristina Andrade, Célia Ribeiro, Claudia Silva, Ednalva Santos, Joilda Albuquerque, Maria Íris Souza, Marília de Jesus, Patrícia Nunes, Patrícia Santos, Patrícia Santana, Vanessa Brito foi se integrando a cada leitura, a cada momento de estudo. Das atividades de preparação, ressaltou:

- estudo do texto – conteúdo e forma
- vocalização do texto
- aquecimentos de voz, para sua projeção adequada
- exercícios de articulação para assegurar leitura adequada dos poemas
- desinibição do ato de ler
- leitura oral articulada com gestos, de forma a se obter harmonia
- leitura com vistas a compreender a essência dos poemas em estudo – do estudo do texto à vocalização do texto.

### **3.1. Encontro com a escritora e sua obra**

“Manual da delicadeza de A a Z” (Murray, 2001) da Editora FTD é um livro de poemas organizado em ordem alfabética. O título de cada poema se inicia com uma das letras do alfabeto. O manual pode ser reconhecido como receitas para fazer o bem, para viver bem e ser feliz com o que a vida nos oferece. Constam do Manual as palavras-título dos poemas: Afago, Bem-estar, Carícia, Dádiva, Esperança, Fonte, Gavetas, Horizonte, Invisível, Jardim, Luz, Moinho, Nuvens, Olhar, Pássaros, Querubim, Rosto, Silêncio, Tempo, Universo, Voz, Xale, Zelo. Desde a primeira palavra, afago, até a última, zelo, a autora parece sugerir o cuidado com o outro e consigo mesmo, a delicadeza das coisas à nossa volta como os



pássaros, as nuvens, o jardim. Como ela mesma diz: “A vida deveria ser uma teia de infinitas delicadezas. Ao invés de uma porta fechada, horizontes, ao invés de um grito, girassóis” (Murray, 2001, p.30).

Para falar de Roseana Murray recorri ao Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira tecido por Nelly Coelho (1995) onde encontrei repousada biografias e bibliografias de escritores literários. Segundo a autora, a escritora das delicadezas é uma “poeta de grande sensibilidade e espírito lúdico”. Nasceu no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 1950, onde escreveu sua primeira produção poética infantil “Fardo de Carinho” (1980). Depois deste se seguiram muitos outros livros de poesias e contos infantis. Para os adultos escreveu os livros “Viagens (1984) e Paredes Vazadas” (1986), sendo sua maior produção destinada às crianças e aos jovens. Na Wikipédia, descobri que, quando menina, Roseana gostava muito de ler “tudo o que tinha disponível”. Gostava de ler o Sítio do Pica-Pau Amarelo, Tesouro da Juventude, Contos de Fadas entre outros. Formou-se em Letras e Literatura Francesa e, influenciada pela obra “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles, começou a escrever poesias para crianças. Desde 1980 até hoje, já publicou cerca de cinquenta livros, entre eles: Fruta no ponto (Ed. FTD, 194); Felicidade (Ed. FTD, 1999) e Pequenos contos de leves assombros (Quinteto Editorial, 2003).

“No âmbito da literatura infantil brasileira, Roseana Murray, é uma das representantes de nossa poesia que tem traçado um caminho singular e diferenciado no percurso da lírica moderna” (MENEZES, 2003).

### **3.2.Vozes dos leitores de Roseana Murray**

Para Ferreira Gullar (2001), leitor das obras da escritora, “a poesia de Roseana Murray é feita de delicadezas e transparências, como se ela falasse para mostrar o silêncio. E, assim, a linguagem alcança a condição de pluma ou porcelana”.

Um outro leitor, o Professor Dr. Latuf Isaias Mucci, (2008) diz ter se apaixonado pela leitura de Roseana desde quando, no dia oito de fevereiro de 2008, conheceu um de seus poemas:

Tear  
 Com fios de pensamento  
 se tece o mundo,  
 se costuram pedaços  
 rasgados  
 de vida,  
 nesse tear estranho  
 que só o homem possui:  
 tear de sonhos.

Compondo seu livro “Residência no ar”, este poema, segundo olhar do professor, continha toda uma teoria da linguagem, sobre a qual vinha estudando. Para ele, “a poesia de Roseana Murray nos empresta asas, a nós, meros mortais, no entanto, possuidores de um “tear estranho” – a linguagem - que nos faz sonhar.”

Para a aluna de Mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de letras da UFG, Sonia Maria dos Santos Menezes, que pesquisou sobre a poesia de Roseana Murray, “seus livros possuem um diálogo rico das imagens criadas no jogo entre o texto e a ilustração”, o que contribui para que as crianças sejam atraídas para a leitura, elas que “são ávidas de novidades e necessitam visualizar tudo, tamanha a quantidade de informações e imagens às quais se encontram ligadas” (MENEZES, 2003).

### **3.3 Encontros e mediações**

Chegado o dia de realizarmos o recital de poesias no Shopping Iguatemi, tínhamos o desafio de fazer acontecer a magia da poesia naquele espaço desprovido da sensibilidade dos versos delicados, da poesia feita de delicadezas. Prestigiando as leitoras e leitores do Projeto Livro Livre Salvador, ali se faziam presentes jovens e adultos, curiosamente folheando os livros que ansiosamente esperavam que alguém - uma alma nobre – os despertassem do encanto, encanto em que vivem os livros não lidos, adormecidos. Afinal, um livro para ter vida carece de alguém que acorde as palavras nele adormecidas, despertando-as do silêncio.

A expectativa era grande. Esperávamos encontrar um público considerável, que, com os corações solícitos, pudessem se deleitar com as palavras delicadas, cheias de sentimentos e emoção, prestigiando assim, momento tão raro e precioso como as pedrinhas de luz. Mas, infelizmente, não avisaram à corte que sua majestade Dona Poesia faria uma apresentação

inédita naquele local. Bsurdo, diria a boneca Emilia, personagem lobatiana. Assim, para surpresa nossa havia poucos ouvintes, parte transeuntes, que iam e vinham.

Ah! embora o espaço que nos foi concedido para realizarmos o recital do “Manual da delicadeza de A a Z” de Roseana Murray (2001) estivesse com poucos ouvintes para apreciação da arte poética, que não era o esperado, não desmotivou o grupo. O desejo de ler, declamar as palavras doces que colhemos no pomar das delicadezas o “afago” palavra bela, o “bem-estar” um círculo encantado, a “carícia” o toque delicado na pele, a “dádiva” da vida em suas minúcias, e a “esperança” como estrela na lapela... era forte, estridente que nem mesmo o descontentamento daquele instante pode conter as palavras, os versos, a poesia.

E foi maravilhosa e gratificante a experiência vivida, os desafios enfrentados, os imprevistos superados. A inexperiência deu lugar à experiência e a criatividade se contrapôs às adversidades. Assim, toda essa atividade vivenciada e compartilhada trouxe-nos, certamente, preciosos mimos de ensinamento para nossas vidas. De forma que, graças a coragem, criatividade, cooperação e disposição do grupo foi possível realizar um bom trabalho, um delicado trabalho.

Um triste episódio, no entanto chamou a atenção. Bem próximo ao local do recital e demais atividades do “Projeto Livro livre Salvador”, havia uma livraria naquela circunstância “fechada”. E o que poderíamos inferir acerca desse lamentável fato, “livraria fechada”. Por que teria fechado? Será que devido ao fato de os livros estarem ali desprestigiados, esquecidos, talvez quem sabe embolorados, por ninguém lhes dar crédito, seus tutores resolveram arrendá-los a uma outra loja que pudesse acolhê-los a fim de que fossem mais valorizados, tendo maior chance de serem adotados, apadrinhados, para não dizer comprados por alguém por bom valor? Mas para que tal colocação não possa parecer ingênua, fantasiosa podemos tecer outra trama relativa a essa questão. Sabemos, por exemplo, que o mundo vive sob a influência do capitalismo, dos produtos industrializados “o mercado dita normas, regras e indica o que se deve consumir” (MENEZES, 2003). Em meio a isso, o livro, que é um “objeto cultural” - seja qual for o gênero literário – vem perdendo espaço nesse mundo gerido pela moda, tecnologia, de modo que diante de tal concorrência, fica cada vez mais difícil o livro ser mais valorizado e prestigiado nessa sociedade.

É preciso, entretanto, valorizar o trabalho com textos poéticos, estes em que “(...) a inter-relação se produz através de formas mais indiretas,” pois “o contato com a literatura leva as crianças a interiorizar os modelos do discurso, as palavras ou as formas sintáticas presentes nos textos que leem. Isso ocorre sem outra intervenção, quando a criança mergulham no repertório completo de recursos poéticos contidos no folclore oral”. (COLOMER, 2007, p.159)

### **3.4. Tecendo fios sobre o gênero poesia**

Na era moderna e contemporânea, mais que em outros tempos, a vida do homem vem sendo permeada por documentos escritos. Neste cerne podemos incluir os manuais cuja finalidade seria orientar quanto às normas de funcionamento, as formas de utilização e manuseio das coisas no nosso dia a dia. Dessa forma, cada vez mais fica evidente a necessidade da “leitura da palavra”. Sim, porque a “leitura de mundo” já nos é, de certa forma, assegurada como confirma-nos Paulo Freire (1985), quando diz que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, supondo que todos: crianças ou velhos, leigos ou entendidos, somos capazes de realizar a leitura do mundo que nos cerca.

E, falando ainda sobre a “leitura da palavra”, podemos dizer que o ato da leitura, que ocorria prioritariamente em ambientes fechados, tem ocupado e por que não dizer, ultrapassado limites, antes inimagináveis, permeando hoje os mais diversos lugares e ambientes. Veem-se pessoas lendo em casa, nos bancos das praças, também nas ruas, nos ônibus, nos aviões, no shopping, as mais variadas leituras: revistas, jornais, gibis, livros, folhetos etc. E, além dessas leituras, o indivíduo pode fazer outras leituras como as mensagens verbais que hoje se encontram na traseira, ou lateral de um ônibus, nos avisos, placas, outdoors etc.

Mas será que todas as formas de leituras são relevantes devendo, pois, serem contempladas? A leitura de um livro de poesias, por exemplo, qual seria sua relevância? Partindo do que nos afirma Gloria Pondé (1986), podemos responder a essa pergunta dizendo que “a poesia acompanha o ser humano desde a sua mais remota infância, através de cantigas de ninar (...) e das canções folclóricas provocando o prazer estético e auxiliando no domínio do código oral”. Além disso, e importante também mencionar que, como nos diz o poeta José Paulo Paes (apud Rocco, 1996, p.39), “um mundo sem poesia é o mais triste dos mundos”.

Traduzindo as palavras sábias do poeta, podemos dizer que o mundo precisa de poesia para não se tornar, frígido, sem vida, sem alegria, sem delicadeza.

E sempre bom falar de poesia, desse gênero textual fértil, capaz de fazer despertar sentimentos que a razão não conhece. Para ajudar na discussão desse tema delicado recorri ainda a leitores/autores, conhecedores desse generoso gênero literário.

“Durante muito tempo, as poesias incluídas nos livros de leitura do primário foram poesias para ler em voz alta, recitar cantar e decorar. Eram poesias compartilhadas: para compartilhar o folclore ainda vivo fora das aulas ou compartilhar as referências da coletividade; essas poesias de autor, que configuram a sensação de comunidade cultural e cimentavam o sentimento de nação. No secundário, estas últimas se ampliavam e eram analisadas estilisticamente e historicamente.” (Colomer, 2007, p. 174)

Fazendo referência à informação que me foi dada pela autora Aguiar (2001), “a poesia infantil tem sua origem na tradição popular, no hábito de fazer versos e rimas que os povos primitivos tão bem cultivavam”. Analisando o percurso da história da poesia, observamos que essa produção variou entre “poemas pedagógicos”, que usavam os textos para ensinar aspectos gramaticais, e “poemas que cumprem seu papel artístico”.

Coelho (2000), em suas considerações, traz à memória lembrança de que a “essência da poesia” está ligada a “um certo modo de ver as coisas”. E essa visão peculiar dos poetas, “vai além do visível ou do aparente”, (...). (Coelho, 2000, p.221). Isso nos faz entender que, quando nasce uma poesia, é porque seu criador foi capaz de enxergar além do que os olhos podiam ver. Concomitantemente a essa visão Bordini, afirma que:

A linguagem nas mãos do poeta tem o poder de projetar seres e mundos nunca antes vistos, assim como pode sacudir os modos costumeiros de apreensão da realidade, fazendo com que o leitor a represente para si com uma mais refinada aproximação à verdade. (2009, p.151)

O poeta tem uma tarefa árdua, com relação à produção poética infantil. Para tal, deve redobrar empenho, pois a “percepção, compreensão” e capacidade de “interpretação” da criança são diferenciadas do adulto. Isso significa que para esse leitor o mais aconselhável é que tenha linguagem acessível, teor narrativo, uma estrutura baseada em jogos verbais provocadores, trocadilhos, refrões instigantes, além, é claro, de imagens, que tornem o texto

atrativo. Não é por acaso que dentre os gêneros infantis “a poesia narrativa é o mais frequentado tendo vantagem sobre a história em prosa, de apoiar-se no ritmo e na melodia que torna mais memorável a sequência de acontecimentos e o perfil das personagens,” afirma Bordini, (2009, p.153)

A partir da leitura que Coelho (2000) nos apresenta, podemos ainda verificar que a poesia é dotada de “palavras mágicas”, com as quais o leitor pode interagir atribuindo-lhes sentidos variados a depender do seu “olhar” e do seu estado de “espírito”. Mas poesia não é “só uma ilha cercada de palavras por todos os lados, é também som (rima, ritmos...) e imagem (símbolos, metáfora, alegorias...)”, lembra a autora.

Toda linguagem tem seu quê de poesia. Mas a poesia é onde o “que” da linguagem está mais em pauta. A poesia brinca com a linguagem. Chama atenção para possibilidade de sentido. Explora significativamente coincidências sonoras entre palavras. Fabrica identidades por analogia, através das imagens ou metáforas. (MORICONI, 2002, p. 8)

E esses múltiplos sentidos e funções próprios a esse gênero que é a poesia podem ser encontrados nas obras de Roseana Murray, que com palavras delicadas e iluminadas, vai costurando, vai tecendo e abrindo caminhos que dão asas á nossa imaginação, que elevam nossa sensibilidade nos fazendo perceber e valorizar o mundo a nossa volta, despertando sentimentos bons e profícuos.

Embora saibamos que o gosto pela leitura pode ser desenvolvido desde cedo, infelizmente, uma boa parcela da população não tem o domínio da leitura e da escrita, o que não contribui para que o indivíduo tenha acesso, como leitor, a esse tipo de texto extraordinário que é o poético, bem como a outros gêneros literários. E se, como aprendemos com o autor Octavio Ianni (1983) “ler é viajar e escrever é ampliar o mundo”, ou seja, ampliar os limites do próprio conhecimento é importante se buscar formas que possibilitem todos os indivíduos de não só desenvolver o gosto pela leitura, mas, dominar de forma satisfatória a leitura e a escrita, o Projeto Leitura com...tem essa intenção. Muito embora a atividade levada ao shopping não tenha resultado, valioso foi ler com as colegas do grupo, com os integrantes do projeto Livro Livre Salvador e conhecer, estudando a obra de Murray e questões teóricas e pedagógicas sobre o poema, a poesia.

## **4. Bazar do Ricardo**

No dia 5 de novembro de 2008, o Projeto Livro Livre Salvador se fez presente no Largo do Garcia, com alguns de seus integrantes, para realizar mais uma de suas atividades com vistas ao incentivo à leitura. Na ocasião, estiveram presentes responsáveis envolvidos direta e indiretamente com o projeto, como a professora da Universidade Federal da Bahia, Lícia Beltrão, eu Joilda Albuquerque como bolsista do Programa Permanecer, as alunas das disciplinas Oficina de Literatura, e Leitura e Produção de Texto: Carolina Campos, Célia Santos, Patrícia Saray, como também os alunos do Projeto Ilê, entre outros.

Para divulgar o evento, foi utilizado um carro de som que convidava toda a comunidade a participar da programação. Este recurso serviu para a promoção do evento que contou com a participação de moradores, especialmente, de leitores infantis, estudantes de escola pública, os quais participaram, se envolveram e apreciaram, ora como gente grande, silenciosamente, atentamente, ora como gente pequena, fazendo alarido e se movimentando com toda energia e entusiasmo de criança.

Utilizando-se da arte discursiva, os responsáveis pelo Projeto Livro Livre Salvador apresentaram, em breve palavras, a intencionalidade do projeto. Em seguida, foi dado início à realização da atividade “O Bazar do Ricardo”, sob a orientação da professora Lícia Beltrão. Essa atividade propunha apresentar ao público presente além de recitação de poesias, contação de contos, adivinhas e quadras de autoria do escritor contemporâneo Ricardo Azevedo.

### **4.1. Encontro com o autor e sua obra.**

Para falar do autor recorri a seu próprio site o qual nos confidencia ser Ricardo Azevedo escritor e ilustrador paulista nascido em 1949, Bacharel em Comunicação Visual, Doutor em Teoria Literária e Pesquisador na área de cultura popular. Além disso, descobri que o autor gosta muito de música, tanto que se não fosse escritor tentaria ser pianista e que escreveu até o presente, mais de cem livros para crianças e jovens, editados por diferentes editoras. Dentre eles selecionei: Armazém do Folclore (Ática), Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões (Projeto), O livro das palavras (Ed. do Brasil), Trezentos parafusos a

menos (Companhia das Letrinhas), Chega de saudade (Moderna), Contos de espanto e alumbramento (Scipione), O peixe que podia cantar (Edições SM), Ninguém sabe o que é um poema (Ática). Foi por várias vezes ganhador do prêmio Jabuti, o APCA e outros. Como pesquisador da cultura popular, vem desenvolvendo palestras e escrevendo artigos que tratam da questão da literatura ficcional na escola. Para o autor:

O livro é um lugar de papel e dentro dele existe sempre uma paisagem. O leitor abre o livro, vai lendo, lendo e, quando vê, já está mergulhado na paisagem. Pensando bem, ler é como viajar para outro universo sem sair de casa. Caminhando dentro do livro, o leitor vai conhecer personagens e lugares, participar de aventuras, desvendar segredos, ficar encantado, entrar em contato com opiniões diferentes das suas, sentir medo, acreditar em sonhos, chorar, dar gargalhadas, querer fugir e, às vezes, até sentir vontade de dar um beijinho na princesa. Tudo é mentira. Ao mesmo tempo, tudo é verdade, tanto que após a viagem, que alguns chamam leitura, o leitor, se tiver sorte, pode ficar compreendendo um pouco melhor sua própria vida, as outras pessoas e as coisas do mundo. (Azevedo, 2008)

O autor acha que a literatura deve se ocupar de assuntos “meio vagos sobre os quais ninguém pode ensinar, só compartilhar: as emoções, os medos, as paixões, as alegrias, as injustiças, o cômico, os sonhos, a passagem inexorável do tempo, as utopias, o sublime, o paradoxal, as ambigüidades” enfim, coisas que fazem parte do nosso dia a dia. Concluindo, em sua auto biografia o autor faz menção a literatura, em especial a infantil, afirmando ser esta uma forma de tentar compreender a vida e o mundo”.

Dentre as obras do autor, que foram selecionadas para apresentação no Garcia, estão os livros “Armazém do folclore” e “Dezenove poemas desengonçados”. O primeiro, como o próprio nome já dá pistas, caracteriza-se por ser uma coletânea de contos, adivinhas, quadras populares, ditados, trava-línguas e outras manifestações da cultura do povo brasileiro, além de apresentar vários personagens do imaginário e lendas populares como o saci, o curupira, o bicho-papão a iara e o lobisomem que fazem parte do folclore brasileiro. O Armazém do folclore é uma obra instigante que representa um pouco da riqueza do imaginário popular, da cultura popular, do folclore brasileiro. Em outras palavras, um baú de conhecimento que retrata e valoriza a literatura popular. Fica aqui a recomendação da leitura dessas obras a todos os leitores de meu trabalho. Ávida por saber informações sobre o autor e as obras estudadas, descobri em seu site que a partir de Armazém do folclore foi feito outro livro, o Bazar do folclore, que hoje faz parte do projeto Literatura em minha casa, do Ministério da



Educação/FNDE, formado por um conjunto de livros distribuídos, gratuitamente, para crianças de escolas públicas de todo o Brasil. (Livro adotado, em geral, de 4ª a 6ª séries)

“Dezenove poemas desengonçados”, outro livro que utilizamos na atividade da praça do Garcia é muito bom e gostoso de se ler. Desde a apresentação da capa, percebemos o modo extrovertido com que o autor trabalha essa obra como seu próprio site menciona. Talvez seja esse o livro mais moleque que Ricardo já escreveu. Apesar do nome quando lemos os 19 poemas percebemos que de desengonçados eles não têm nada; são poemas singelos, fruto de um trabalho cuidadoso com palavras e imagens que estimulam nossa reflexão sobre temas importantes de nossa vida. Como, por exemplo, o poema abaixo “Lição de biologia” lido pela professora Lícia Beltrão no encerramento da nossa atividade.

Eu plantei um pé de amor  
no fundo da minha vida  
a semente foi brotando  
primeiro criou raiz  
da raiz nasceu o broto  
do broto nasceu o caule  
do caule nasceu o galho  
do galho nasceu a folha  
da folha nasceu a flor  
e da flor nasceu o fruto  
e o fruto que era verde  
depressa ficou maduro  
e com ele eu fiz um doce  
que eu dei pra você provar  
que eu dei pra você querer  
que eu dei pra você gostar.

#### **4.2.Encontros e mediações**

Diferentemente da atividade anterior realizada pelo projeto Leitura com..., a atividade que ora relato contou com um número bastante significativo de ouvintes dentre eles crianças, jovens e adultos que participaram ouvindo, interagindo, em especial as crianças, que eram maioria. Respondendo às adivinhas, atentas, ouvindo as poesias e repetindo-as, apreciando curiosamente o caso contado, as crianças mostraram-se boas leitoras. O trabalho com uma variedade de gêneros: adivinhas, quadras, poesias e anedotas, do autor Ricardo Azevedo, pode ter influenciado positivamente o envolvimento das crianças, certamente porque na escola já estão lendo esses textos, e do público adulto que, certamente, gosta de textos da cultura

popular. O fato é que tivemos respostas mais positivas do ponto de vista da interação com o público, em sua maioria, crianças da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima , que participaram respondendo, demonstrando que eram, como já disse, leitoras familiarizadas com aqueles textos.

O Bazar do Ricardo foi conduzido pela aluna Carolina Campos que incorporando a personagem Joana perguntadeira, iniciou a atividade apresentando a biografia de Ricardo Azevedo e lendo, em seguida, estrofes do poema “Dentro do livro”

tem partida  
 tem viagem  
 tem estrada  
 tem caminho  
 tem procura  
 tem destino  
 lá dentro do livro

quanto mito  
 quanta lenda  
 quanta saga  
 quanto dito  
 quanto caso  
 quanto conto  
 lá dentro do livro

tem passado  
 tem presente  
 tem futuro  
 tem moderno  
 tem o velho  
 tem o novo  
 lá dentro do livro

tem verdade

Dando continuidade à mostra da produção de Ricardo Azevedo, foram apresentados adivinhas, crônica Dois cegos briguentos e o poema Biologia. O público muito atento, prestigiou a apresentação de forma participativa. Na sequência, Célia Santos, Patrícia Saray e eu, Joilda Albuquerque, utilizando o livro “Armazém do folclore”, recitamos algumas quadras e adivinhas que poderão ser apreciadas mais adiante.

Como forma de agradecer à participação do público leitor, foi feita a distribuição de pirulitos, combinando saber com sabor, para aqueles que acertassem as adivinhas. Tal

estratégia serviu como recurso incentivador, principalmente para as crianças. Por fim, a professora Lícia Beltrão realizou a leitura do poema “Dentro do Livro”, tecendo, em seguida, agradecimentos.

Além do Bazar do Ricardo, foi realizada, e assistida por nós, uma atividade intitulada “Baú da leitura”, por algumas crianças que fazem parte do Projeto Ilê. Estas exploraram de forma lúdica o Estatuto da Criança e do Adolescente e também realizaram dramatização enfatizando a importância de estudar e da leitura. “Pois quem não lê e não estuda não chega a lugar nenhum” (palavras ditas em coro pelas crianças do projeto).

Apesar da significativa apresentação da atividade “O Baú de leitura”, certamente por falta de orientação, não foi realizada nenhuma leitura no sentido literal, ou seja, não foram abertos os livros para concretização do ato de ler, ao contrário, os livros ali presentes eram objetos de decoração de um cenário. Como sugestão, poderia ser feito uma revisão dessa atividade no sentido de que fosse efetivamente utilizado o livro, explorando a leitura do seu conteúdo. Essa atividade foi encerrada com todas as crianças cantando a música “Criança não trabalha, criança dá trabalho.”

#### **4.3 Literatura popular**

Na sociedade atual, cada vez mais cresce a demanda e investimento por um conhecimento instrumental. No bojo dessa realidade, encontram-se as escolas que, envolvidas diretamente com o processo de transmissão do conhecimento, vêm sendo orientadas a priorizar “em termos de habilidades e capacidades adquiridas”, aquelas que irão atender às expectativas do sistema produtivista, diga-se de passagem, “alienante e desumanizante”. (SILVA, 2008). Concebendo um currículo que prioriza o desenvolvimento de habilidades técnicas, utilitárias e fazendo uso de linguagens predominante instrumental, a escola, no parecer de Silva, termina produzindo indivíduos acríticos que não conseguem exprimir seus sentimentos, ter visão de mundo e sua “vivência” vê-se marcada pelo “individualismo”. Para superar essa ideologia, a escola precisa “repensar conteúdos curriculares”, “redesenhar disciplinas, práticas” favorecendo o trabalho com as diferentes linguagens, como a literatura popular, por exemplo, pois essa há de contribuir na formação de novos sujeitos. (Silva, 2008, p.18).

A linguagem, sabemos, é a capacidade de expressar, de simbolizar e comunicar idéias, sentimentos, sensações... enfim, de dizer o mundo. Portanto, aquilo que existe de mais humano no homem. Uma escola concebida como um espaço onde pudesse vicejar uma multiplicidade de linguagens permitiria florescer, também, uma pluralidade de sentidos, de novos sentidos do humano. Uma escola apta a fazer do ensino um instrumento sustentador de valores e não mais pura e simplesmente reprodutora de aprendizado técnico. (SILVA, 2008, p.16)

Fortalecendo essa idéia, falaremos agora sobre a literatura popular, essa forma de linguagem que pode contribuir para “humanização do indivíduo”, sendo viável ser trabalhada na escola numa perspectiva “multicultural”. Assim, “com um olhar percuciente que busca desvelar cada um desses (...) caminhos ou soluções menos divorciadas da pluralidade (...) lingüística em relação às quais construímos um sentimento de pertencimento (de identidade),” (SILVA, 2008, p.19) falaremos da literatura popular, expressão da cultural popular, que assim como as demais linguagens deve ser (re)conhecida e valorizada como fonte de conhecimento.

A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos. (SILVA, 2008, p.19).

A literatura produzida por Ricardo Azevedo e estudada pelo projeto traduz a riqueza da literatura popular. O autor, ao criar suas quadras, crônicas, anedotas, adivinhas, ditados populares, projeta sua criatividade seu “imaginário sempre ilimitado”, “sempre quase infinito em sua vocação de criar”. E, entretecendo as palavras, “os múltiplos e diversos fios do tecido sempre inacabado de seu imaginário”, vai bordando “desejos”, emoções, sensações nas alvas folhas em branco. Todavia esses gêneros textuais tão ricos em diversidade de conhecimento são tratados como inferior ou menor sendo considerados “conhecimento não escolarizado”, “erudito”, “sofisticado” (SILVA, 2008, p. 27). Mas esses textos exploram as possibilidades de dialogar com as infinitas dimensões de expressão e de conhecimento do humano, pois “ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros atores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende”. Portanto, seu valor é irrefutável e “qualquer hierarquia que as quantifique e estabeleça hierarquias é indevida” (Silva, 2008, p. 35)

Dentre os textos que fazem parte do “Armazém do Folclore” de Ricardo Azevedo, estão as quadras populares - estrofes de quatro versos (dois deles rimados), muito utilizadas em estilos de poesia sertaneja, como a matuta, a caipira, a embolada, tão frequentes no contexto cultural de diferentes povos. É considerado um texto do folclore, porque inventado por alguém inominado, vai passando de boca em boca, pertencendo, portanto, à tradição oral de um povo afirma Guedes (1997). Colaborando com a discussão, vou encontrar em Fernando Pessoa (1972) a seguinte conceituação: “A quadra é um vaso de flores que o povo põe na janela de sua alma”.

Dentre as quadras recitadas na Praça do Garcia estão as seguintes:

Um surdo disse que ouviu  
Um pobre mudo dizer  
Que um cego tinha visto  
Um aleijado correr.

Você me mandou cantar  
Pensando que eu não sabia  
Pois eu sou que nem cigarra  
Canto sempre todo dia

Além das quadras apresentamos também algumas adivinhas:

O que é, o que é:  
É planta e anda no chão  
Seu moço, não é abuso  
Diga lá qual é a planta  
Que no mundo tem mais uso?

O que é, o que é:  
Essa adivinha e dureza  
Quem começa nunca acaba  
Responda quem tem certeza  
Por que é que o boi sempre baba?

Adivinhas ou adivinhações são perguntas em formato de charadas desafiadoras que fazem as pessoas pensarem e se divertirem. São criadas por anônimos e fazem parte da cultura popular e do folclore brasileiro. São muito comuns entre as crianças, mas também fazem sucesso entre os adultos. Na Antiguidade, a decifração de enigmas era prova de inteligência. Com o passar do tempo, a prática perdeu o sentido filosófico. Hoje, tais enigmas são encontrados na voz anônima do povo e, particularmente, na boca das crianças. Pergunte quem tem adivinhas guardadas na memória e verá que sempre temos alguma lá no "fundo do baú". Estas contribuições valiosas pude colher nos sites [arteducação](#) e [Wikipedia](#).

Além das quadras e adivinhas de Ricardo Azevedo apresentadas na Praça do Garcia, participei junto com as colegas Patrícia Saray e Célia Leal (graduandas de Pedagogia), da narrativa do conto “Dois cegos briguentos”. Para o próprio autor, os contos populares “(...)são típicas expressões de culturas orais(...)”. De narrador em narrador, esse gênero literário viaja

para todo canto sendo disseminado pela transmissão oral, sofrendo com isso, inevitavelmente, modificações como “fusões, acréscimos, cortes, substituições e influências”. (2008, p.180). Esse tipo de narrativa é essencialmente dialógico e favorece a interação entre os indivíduos. Para o autor, ele ajuda a estruturar e tornar compreensível a experiência da vida, não de forma solitária, mas sim, por meio da solidariedade e do contato dialógico com o outro e, como disse o mineiro contador de história, “aí nós chora junto e lembra tudo de difícil que nós passô” (AZEVEDO, 2008, p.186) sic.

## **5. Literatura para Todos**

Focado no incentivo à leitura, o projeto “Leitura com...” como se vê discriminado nas produções anteriores, vem trabalhando, prestigiando e valorizando obras literárias de escritores contemporâneos como: Roseana Murray e Ricardo de Azevedo. Além do exercício de leitura das obras desse escritores e de sua bibliografia, foram realizadas atividades com ênfase na promoção da leitura, em espaços livres (públicos), explorando os conteúdos literários das poesias de Roseana Murray, que, com delicadeza, nos envolve e nos leva a imergir no universo imaginário do abstrato, subjetivo e polissêmico, bem como os dos contos de Ricardo de Azevedo que, com sutileza e perspicácia, nos proporcionam momentos de alegria e descontração.

Assim, compreendendo a necessidade de ampliar o conhecimento sobre outros gêneros literários que poderão servir de instrumentos ou recursos a serem utilizados para o que se propõe o projeto “Leitura com...”, a orientadora do Projeto Permanecer, Licia Beltrão apresentou a Marília Santos e a mim, suas bolsistas, a “Coleção Literatura para todos”, composta por dez livros, de gêneros literário distintos: poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral, idealizada para os alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado - responsável pela alfabetização de jovens e adultos.

Sob a chancela do Ministério da Educação, a coleção originou-se da seleção de obras literárias inscritas no 1º Concurso Literatura para Todos, em 2005. Foram selecionadas as construções literárias dos seguintes autores: Família composta (peça de teatro), de Domingos Pellegrini (PR); Madalena (novela), de Cristiane Dantas Costa (RJ); Cabelos molhados (conto), de Luís Pimentel (RJ); Cobras em compota (conto), de Ana Cristina Araújo Ayer de

Oliveira/Índigo (SP); Quando o gosto pela leitura (crônica), de Paulo César Dias Rodrigues (RS); Léo, o pardo (biografia), de Rinaldo Santos Teixeira (SP); Batata cozida, mingau de cará (tradição oral), de Eloí Elizabete Bocheco (SC); Caravela (redescobrimento) (poesia), de Gabriel Bicalho (MG); Entre as junturas dos ossos (poesia), de Vera Lúcia de Oliveira; e Abraão e as frutas (poesia), de Luciana de Mendonça (RJ).

Sobre esta coleção diversificada, que foi apresentada pela professora Lícia Beltrão, me debrucei, juntamente com a bolsista do Permanecer Marília Santos motivada em conhecer e experimentar outros universos literários. E, assim, passei o mês de dezembro e janeiro lendo a “Coleção Literatura para todos” composta, como já mencionamos, por: poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral. Essas leituras possibilitaram a aproximação com diferentes gêneros literários aos quais não tinha tido ainda contato, como foi o caso da peça teatral e novela escritas.

As bibliotecas públicas do país já estão recebendo a coleção “Literatura para Todos”. O Ministério da Educação (MEC) entregará, ao todo, cerca de 9.300 volumes. Receberão os livros 4.690 bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Segundo o MEC, os livros dessa coleção são direcionados, especialmente, a jovens com mais de 15 anos e adultos recém-alfabetizados. Conforme estimativas, 14 milhões de alunos da rede pública de ensino fundamental vão ter acesso a clássicos da literatura nacional e internacional, no formato de texto, histórias em quadrinhos e imagens. Os livros fazem parte da coleção do Programa Nacional Biblioteca, da Escola do Ministério da Educação (MEC), que vai distribuir nas escolas mais de 7,5 milhões de exemplares.

Segundo a coordenadora geral de Estudos e Avaliação de Materiais do MEC, Jane Cristina da Silva, a literatura permite que os estudantes ampliem o conhecimento, considerando outras realidades. Por meio da literatura, podemos abrir novas possibilidades de conhecimento de várias realidades aos alunos das escolas públicas. A questão da diversidade cultural e da diversidade brasileira também podem estar presentes nesta literatura, afirma a coordenadora.

### 5.1.A Coleção Literatura para Todos

- **Família Composta de Domingos Pellegrini**

Esta obra é uma divertida peça de teatro que retrata o conflito de um pai que sob queixas e resmungos ajuda a filha solteira criar o filho. É uma leitura agradável em que nos vemos diante de uma história cotidiana familiar que nos leva a perceber como velhas convicções podem ser abaladas diante de situações imprevistas como o encontro com o futuro genro poeta. Todas as questões que surgem no decorrer da trama são tratadas com sensibilidade, crítica e bom humor. Com seu aspecto dramático poderia até servir de base para a produção de película que abordasse questões do cotidiano familiar. Por ser uma composição de dramaturgia, estou certa de que pode ser utilizada pelo professor, como proposta de uma atividade que possa trabalhar a espontaneidade, a desenvoltura e criatividade dos alunos.

- **Madalena de Cristiane Dantas Costa**

Esta é uma novela escrita, apresentada sob forma de roteiro novelístico, as cenas vão se desenvolvendo, as tramas se desenrolando, o clímax, o desfecho, que nem sempre é aquele esperado ou que agrada a todos. Conta a história de Madalena mulher senhora de si que, corajosamente, encara as dificuldades e peripécias da vida. É uma narrativa que fala das relações familiares, dos encantos e complexidade da vida. Com personagens marcantes e marcados, como é o caso da protagonista Madalena, a leitura da obra me fez lembrar a realidade de quem vive ou viveu em regiões interioranas, as fraquezas e forças do povo que sofre as mazelas no interior e na cidade também, mas não perdendo a esperança por dias melhores. Esta é uma obra em que, certamente um aluno ou o professor se identificará com algum personagem que atua nessa novela.

- **Cabelos molhados de Luís Pimentel**

Este é um livro de contos tocantes com precisamente 16 contos curtos. Alguns tem desfechos surpreendentes, capazes de suscitar sentimentos como espanto, alegria, saudosismo, tristeza pois o autor diversifica as histórias, entre aquelas espirituosas que são capazes de nos fazer sorrir e aquelas que ao terminar de ler sentimos vontade de chorar, como é o caso do conto “Não é nada pessoal” citado abaixo, que revela uma situação dramática tal qual



acontece no dia a dia do brasileiro. Esta é mais uma obra que, certamente, mexerá com as emoções daqueles que tiverem a oportunidade de ler.

O menino olhava para o filhote de preá, maravilhado. O bicho olhava para o menino, com medo. Dois olhinhos pretos e miúdos, que nem duas jabuticabas. Pegava sol sobre a pedra e provavelmente montava guarda, protegendo pai e mãe que dormiam em algumtoco de madeira próximo.

Talvez por estar muito preocupado com o menino, o preazinho não percebeu a aproximação da cascavel, não sentiu o cheiro nem ouviu o barulho da serpente arrastando a barriga no lajedo. De repente o bote, o susto, o animal atravessado na boca da cascavel.

“Não!” gritou o menino, mas era tarde. A cascavel já ia longe com sua presa quando o menino abriu os olhos. A mãe enxugava gotas de suor em sua testa.

“Teve um pesadelo, meu filho?”

“Uma cobra enorme, mãe. Um preazinho bem pequeno.”

A mãe sorriu compreensiva: “A febre provoca sonhos confusos, delírios.”

“Era um bicho pequenino. Tinha olhos bem pretos.”

“Cascavel não pensa nessas coisas meu filho.”

“Por que foi pegar logo ele?”

A mãe passou novamente o lenço na testa do menino, suave e didática: “Por causa da fome, meu filho. Nada pessoal.”

- **Caravela de Gabriel Bicalho**

Esse livro é muito interessante, pois apresenta uma forma poética, gostosa de ler. Nele se percebe o movimento das palavras, como se estivessem embaladas pelas ondas e aconchegadas pela brisa do mar. Os poemas são feitos com simplicidade, poucas palavras que fazem emergir emoções singulares, mas, para se demonstrar o que se sente, não precisamos mesmos de muitas palavras, mas das palavras certas, pois as muitas palavras se não forem conduzidas por um bom timoneiro podem provocar um naufrágio deixando-o a deriva. No entanto as palavras certas, conduzidas por um bom capitão poderá promover uma viagem encantadora cheia de emoções, como é o caso das poesias do autor Gabriel Bicalho, que, brincando com os ritmos, sons e sentidos, nos faz viajar em sua caravela metafórica. Todos os poemas levam o mesmo nome, pois, na verdade, todos estão em sintonia, o que difere é a

numeração em romano que cada um recebe na ordem em que aparecem. Escolhi esses dois para partilhar:

Marinha XXXV

E  
no  
mar  
sereno  
sem remo  
sem rumo  
sem rumor  
vê-las soltas ao sol  
as brancas velas do amor

Marinha XXXII

Sem reta  
nem rota  
paira  
sobre a  
praia  
meu sonho  
gaivota

- **Léo, o pardo de Rinaldo Santos Teixeira**

Diferentes das obras biográficas que já li, essa obra se diferencia pela forma como foi construída. São relatos de lembranças guardadas na memória, relatos da infância, do tempo de criança, das aventuras juvenis, dos sabores e dissabores da vida adulta, das lições, das emoções, dos sonhos e frustrações. Com graciosidade e objetividade, o autor mostra preconceitos vividos por pessoas que possuem a cor parda, e que nem por isso vivem amargurados e fechados para a vida.

Além de ser criativa, esta é uma obra que estimula a imaginação e a reflexão. Léo, o pardo, é mais um da coleção que eu recomendo a professores e alunos lerem e viajarem nas histórias de vida que se entrelaçam às de Léo, o protagonista dessa construção biográfica.

- **Batata cozida, mingau de cará de Eloí Elizabete Boheco**

“Batata cozida, mingau de cará” apresenta uma seleção de poemas interessantes em que podemos perceber a forte influência da cultura popular, das formas variadas do repertório folclórico brasileiro, as músicas folclóricas, quadrinhas e cantigas infantis, os velhos ditados populares, os contos, as lendas, os provérbios e brincadeiras de roda. A autora numa engenharia brinca com as palavras se valendo do conhecimento popular da tradição oral e a linguagem escrita o que favoreceu seu trabalho tornando uma produção criativa que valoriza a cultura popular. Dentre os textos lidos, destaco três estrofes do primeiro poema que da nome à

obra “Batata cozida, mingau de cará”. Tal gênero me chamou a atenção pelo fato de ser inovador e proporcionar uma leitura simples e agradável aproximada da fala, o que faz a leitura prazerosa.

Batata cozida, mingau de cará  
Moça bonita que vem Pará  
Parem de cantar, parem de pular  
Abra a roda que ela vai passar.

Eu não tenho eira nem beira  
Nem sequer algum parente  
Sou filho de uma colina  
Neto do sol poente.

Lá atrás daquele morro  
tem um pé de abacateiro  
Quem quiser casar comigo  
Apareça no terreiro.

- **Entre as juntas dos ossos de Vera Lúcia de Oliveira**

“Entre as juntas dos ossos” é um livro que contém quarenta pequenos poemas com a simplicidade e beleza das belas poesias que encantam e nos emocionam. Com palavras penetrantes e puras, alguns poemas nos fazem lembrar os tempos de criança. “Dei para pisar no rangido dos ventos”, um dos versos da poesia adiante citada, mostra a leveza da escrita da obra, mas a leitura dos outros versos parecem cheios de mistérios. As poesias oscilam entre a simplicidade e a apresentação de enigmas, por isso o leitor precisará ter atenção para compreender a essência da poesia no jogo de percepção e imaginação.

Como águas que jorram  
para dentro

dei para pisar  
o rangido dos ventos

dei para virar  
em volta dos passos

dei para lavar a veia  
em que piso  
dei para revolver  
os ossos

- **Tubarão com a faca nas costas de Cezar Dias**

“Tubarão com a faca nas costas” é uma coleção de crônicas que retrata fatos do cotidiano do autor, ou seja, ele descreve fatos de sua vida e dos personagens que lhe são próximos, contando as histórias que surgem do relacionamento com seus parentes, amigos, namorada. O autor fala também com sensibilidade da rotina diária de desconhecidos afetados pela dureza da sobrevivência. Fatos que aparentemente são insignificantes o autor trata com imaginação e delicadeza amenizando a severidade do fato. Na crônica intitulada “Ganhei o Drummond” o autor demonstra seu apreço pelo livro e sua relação com o mesmo, como podemos verificar no quinto parágrafo que diz: “O livro, agora, encontra-se em minha casa. Gosta de estar comigo. Pede-me que o abra, leia-o. Então faço as vontades dele. Ele retribui com seus versos.” Além dessa outras revelações estão presentes em todos os relatos do autor.

- **Cobras em compota, contos de Índigo Campinas**

Cobras em compota é também um livro que agrega quarenta e dois contos que relatam fatos e do cotidiano da infância da autora. Contos como “A biblioteca silenciosa” e “Livros pompom”, por exemplo, nos revelam o prazer que a autora cultiva pela leitura. Com toda sutileza possível e leveza, os contos da autora nos envolvem e nos convidam ao mergulho no mundo do imaginário, da fantasia. Em seus contos a autora brinca de forma graciosa e as vezes irônica, o que nos diverte e nos faz reportar às lembranças dos tempos de criança. O título do livro é justificado em pelo fato de uma de suas crônica, exatamente a primeira ter esse título “Cobras em compota” que fala das cobras nos vidros de maionese que ficavam no laboratório da sua escola quando criança. Além das cobras a autora fala em seus contos de outros bichos como, gato, minhoca, lombriga, sapo, coelho, cavalo-marinho sempre se reportando às lembranças que marcaram sua infância.

## 5.2. Gêneros literários

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas, em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível, ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Fundamentado na definição de gêneros textuais proposta por Marcuschi (2002) e associada à leitura de diferentes gêneros como exemplo: contos, tradição oral, poesias e crônicas, nos pareceu perceptível a relação da proposta de Marcuschi com os gêneros estudados.

Nas leituras da coleção “Literatura para Todos”, foi possível notar a questão da literariedade. Percebemos também que os textos apresentam uma rica composição que merece ser apresentada ao público leitor, recomendado por julgarmos ser um instrumento satisfatório de estímulo à leitura, possível de suscitar o gosto, o apreço pela literatura, não só dos jovens e adultos que estão aprendendo a ler e a escrever, mas também daqueles que estão em outros níveis de escolaridade.

Trabalhando com uma diversidade de gêneros como os apresentados, os professores, utilizando-se de boas estratégias metodológicas, além de criar comunidades de leitores nas aulas, conseguirão fazer com que os livros compartilhados possam estabelecer laços entre a escola e as famílias. Os livros que forem e vierem da escola para a casa, através do empréstimo, permitirão agregar os familiares à leitura compartilhada. Um caminho inclusive explorado (ou pelo menos deveria ser) por alguns projetos como “Literatura em minha casa” do Ministério da Educação.

A coleção Literatura para Todos oferece uma opção diversificada de textos didáticos e materiais pedagógicos a quem não tem acesso ao livro, seja ele didático ou literário. “Propõe a literatura como ferramenta catalisadora do processo de leitura e investe na possibilidade da

criação de um vínculo afetivo do leitor com a obra literária”. (MACIEL, 2007, p. 6). Assim podemos compreender que a iniciativa/ação do Ministério da Educação é bastante significativa tendo em vista a proposta de promover o acesso ao livro e estimular a prática da leitura.

Parafraseando Colomer concluo esse estudo dizendo que (...) ler literatura serve para aprender a ler em geral, escrever sobre literatura também serve para dominar a expressão do discurso escrito. Concretamente, escrever e ler literatura – contos, poemas, narrativas feitos individual ou coletivamente – me permitiu compreender e apreciar, tanto a estrutura quanto a força expressiva meus próprios textos, como a dos textos lidos.

## **6. Daniel Munduruku, sua história e outras histórias**

“Parece que foi ontem. E que ficou guardado em minha memória... Tem até cheiro de saudade.” (Munduruku, 2006, p.4) Essas palavras cheias de sentimentos, expressas pelo autor Daniel Munduruku, traduzem de forma adequada o que foi a experiência vivida e sentida não só por mim, mas também pela orientanda Marília e certamente também pela professora Lícia Beltrão e demais alunas da disciplina Oficina de Leitura na atividade realizada na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior.

A atividade intitulada “Daniel Munduruku, sua história e outras histórias” foi realizada na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, no dia 16 de abril de 2009, em conjunto com as alunas da disciplina Oficina de Leitura e Produção de Texto da Faculdade de Educação. Tendo em vista a proximidade da data instituída em homenagem ao índio, foi idealizada uma atividade que contemplasse a obra de um escritor indígena; daí a escolha das obras de Daniel Munduruku para serem trabalhadas na biblioteca. As atividades consistiram da exposição da biografia do autor Daniel Munduruku, da explanação de obras de sua autoria como: Histórias de índio; Você se lembra pai; Contos indígenas Brasileiro; História que ouvi e gosto de contar entre outras que fazem menção às histórias vividas e aprendidas por Munduruku e o povo da sua tribo. A atividade foi planejada para ser compartilhada com os alunos da Escola Municipal Hercília Moreira e funcionários da biblioteca.

### **6.1.O encontro com as obras e o autor**

Para realização das atividades na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, a professora Lícia Beltrão nos apresentou e passamos a conhecer as seguintes obras do autor Daniel Muduruku: Histórias de índio, Você se lembra pai, Contos indígenas Brasileiro, Estranho sonho de futuro, História que ouvi e gosto de contar, Tempo de Histórias. O encontro com essas obras pode ser traduzido como mais um “tempo de aprender” mais sobre o índio, sobre sua vida, seus costumes, suas histórias.

E por falar em histórias, Daniel Muduruku (2005) nos contou em seu livro “Tempo de Histórias” que, quando chegou pela primeira vez à cidade, ficou com muito medo de algumas coisas. Estranhou os prédios – caixas de fósforos empilhadas umas sobre as outras. Achava estranho o elevador - uma caixa dentro de outra caixa que leva as pessoas para cima e para baixo. O que lhe causava maior espanto, porém era o chuveiro. Achava engraçado alguém conseguir aprisionar a chuva e levá-la para cima por meio de canos. Para ele, era como se alguém tivesse descoberto o grande segredo da chuva e o disponibilizasse para todo o mundo. E, em alguns lugares, a chuva podia ser quente ou fria! Todo esse “estranhamento” foi diminuído à medida que foi conhecendo melhor a cidade e sua forma de ser. Aos poucos, foi aprendendo a olhar para ela com maior admiração e coragem. Isso acontecia conforme ia lendo livros e convivendo com as crianças de sua idade, enquanto frequentava a escola.

Por essas palavras do autor, entendemos que estranhamentos diante do desconhecido ocorrem, estranhamento quando não conhecemos a vida de certos grupos humanos, também ocorrem. Mas através das leituras sobre Daniel Muduruku e as leituras de suas histórias, vemos a possibilidade de que estes sejam senão superados, pelo menos minimizados.

Conhecer esse autor e suas obras foi muito significativo para todas as estudantes de Pedagogia e Letras que participaram desse projeto de leitura, pois foi mais um conhecimento adquirido, experimentado que se constitui como bagagem para nossa vida e nossa prática pedagógica. Para todos os participantes da linda viagem à biblioteca, essa experiência não só serviu para conhecer o autor Daniel Muduruku, filho do povo indígena Muduruku e suas

histórias que ficaram certamente guardadas em suas memórias, mas também para favorecer o conhecimento sobre a diversidade de gêneros literários trabalhados e a prática da leitura para e com o outro.

## **6.2 Encontros e mediação**

Ao chegarmos à biblioteca, foram todos os participantes bem recebidos pela bibliotecária responsável pela instituição. Encaminhados à sala de leitura, enquanto aguardavam o momento de se deslocarem para a sala onde seriam realizadas as atividades os estudantes envolvidos com o projeto foram conhecendo os espaços da biblioteca - setor de literatura infantil, de literatura nacional e estrangeira para adultos - e se familiarizando com as obras à disposição.

Marcando o início das atividades, a professora Lícia fez uma breve introdução, brincando com o nome dos alunos da escola Municipal Hercília Moreira e na sequência uma das alunas da disciplina Oficina de leitura passou a narrar biografia do autor Daniel Munduruku. Em seguida, outra participante mostrou no mapa o percurso e viagens feitos até então pelo autor, em busca de conhecer novos mundos e compartilhar suas histórias, as histórias de seu povo. As demais atividades foram de contação de histórias, com um toque de suspense, mistério, emoções e recital de quadras. Aos alunos da Escola Municipal Hercília Moreira foi proposto o registro da história de que mais gostou e a escrita de uma carta a Daniel Munduruku, com a possibilidade de ser viabilizada a chegada desta às mãos do autor.

Participar da elaboração e execução dessa oficina proporcionou a todas e toda uma viagem ao mundo literário, lendário e místico desse povo de hábito singular, que tem a tradição de transmitir, de passar o conhecimento, de geração a geração, através da oralidade, da contação de histórias, ao pé da fogueira, à beira do riacho ou debaixo da árvore, num verdadeiro ritual mágico cheio de significado. Isso para que as histórias e o conhecimento acumulados pelo povo Munduruku fiquem conservados na memória das gerações. E esses ensinamentos são geralmente passados pelos mais velhos, considerados sábios. “Sábios não porque ensinam através das palavras, mas porque sabem silenciar e no silêncio mora a sabedoria. Os velhos sempre nos trazem o novo que é sempre velho, antigo, pois está escrito na natureza” diz Munduruku (2006, p. 14).



Circular em meio a livros e outros materiais de leitura não garante desenvolvimento do gosto pela leitura. “É imprescindível conviver com pessoas que se envolvam eventualmente ou permanentemente com esses materiais, significando-os”. (Santos, 2009, p.13). Por isso o desempenho de atividades de mediação da leitura no espaço da biblioteca faz-se necessário, pois servirá de recurso favorável ao envolvimento do educando com a biblioteca. Atividades, como a realizada na Biblioteca Juracy Magalhães Filho, são importantes porque proporcionaram aos alunos da Escola a Municipal Hercília Moreira uma aproximação com os livros, com o ambiente que é habitado por livros, com a prática do ato da leitura. Realizando atividades como esta, o professor e a escola estarão contribuindo para que o aluno perceba a biblioteca como um espaço de aprendizagem e se torne familiar a este, despertando assim o desejo de frequentá-la e usufruir de seu acervo, exercendo neste espaço práticas de leitura. E sobre isso os autores Santos, Marques e Rösing, 2009 contribuem dizendo que

materiais de leitura disponibilizados por todos os recantos de uma casa, de uma escola, inclusive de uma biblioteca alida à presença de pessoas que se envolvem permanentemente com diferentes gêneros textuais, por intermédio da leitura prazerosa, passa a se constituir em exemplo de leitor a ser seguido, podendo transformar outros indivíduos em sujeitos leitores”. (2009, p.13)

### **6.3. Leitura na biblioteca**

Antes de falarmos da leitura na biblioteca, acredito ser apropriado relembramos o que seria esse espaço. Uma definição clássica segundo a Wikipédia (2009) seria um espaço físico onde se guardam livros, de forma mais abrangente todo espaço (concreto, virtual ou híbrido) destinado a uma coleção de informações de quaisquer tipos, escritas em folhas de papel ou ainda digitalizadas e armazenadas em CD, fitas, VHS, DVD e bancos de dados. Podendo ser pública, particular ou escolar.

Em contraponto a esse conceito percebemos que, para Silva (1986, p 72), a biblioteca não deve se limitar a exercer somente

as tarefas técnicas de difusão da informação; é necessário que ela exerça influência ativa e dinâmica no contexto envolvente, preocupando-se com a qualidade do seu acervo e dos seus serviços, com a origem e necessidades

dos usuários, com a democratização do seu espaço, e com o planejamento de programas sócio-culturais. (SILVA, 1986, p.72)

Assim, uma biblioteca não deve ser um lugar apático, mas um organismo vivo, atraente, que desenvolve mediações de leitura, compartilhando conhecimento, incentivando seus leitores à prática da leitura, despertando o interesse dos leitores, partilhando um acervo variado e de qualidade, desenvolvendo estratégias que possam atender às suas necessidades e interesses de leitura, trabalhando pela “democratização da leitura”. A leitura “(...) democratiza o ser humano, porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura, e assim nos torna menos pretensiosos, menos presunçosos” (Soares, 2008 , p.32 ).

Com o avanço tecnológico, percebe-se que as bibliotecas têm um desafio a mais: se adaptar às exigências de dinamização do acesso aos livros, à leitura. Mas para isso é necessário contar com a colaboração do poder público, viabilizando instrumentos tecnológicos necessários e profissionais capacitados para atuarem nas bibliotecas. “Formar leitores é tarefa complexa que desafia professores, bibliotecários e educadores em geral, especialmente, nesta época tão dominada pelos meios de comunicação de massa [...]”. (Aguiar, 2001, p. 134). Por essa questão, apoiada nos argumentos de Zilberman (2009), reafirmamos que a manutenção das bibliotecas escolares deveria ser responsabilidades do estado. Este, fazendo bom uso do dinheiro público, poderia contratar bibliotecários que pudessem desenvolver atividades e projetos de incentivo à leitura. “Porém sabemos que valores como sabedoria e criticidade são claramente podados ou dificultados pelo sistema neoliberal [...]”. Haja vista “os recorrentes cortes de verbas para a educação, o desprestígio das nossas escolas e dos nossos professores”. (ZILBERMAN, 2009,p.191).

Ampliando a discussão sobre a biblioteca, não podemos deixar de fazer referências ao PNBE (Plano Nacional da Biblioteca Escolar) instituído em 1997, com o “objetivo principal de democratizar o acesso à obra de literatura infanto-juvenil, nacional e estrangeira, bem como o acesso a materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras” (MACIEL, 2008 p. 8). Esse plano é responsável pela aquisição e distribuição dos títulos avaliados para todas as escolas do Brasil. A coordenação do processo de avaliação das obras e composição dos acervos de livros destinados às escolas e bibliotecas públicas é feita pela Secretaria de Educação Básica (SEB), do Ministério da Educação em parceria com universidades públicas federais. Para saber mais sobre o PNBE e sua

repercussão na escola pública, recomendo a leitura da monografia da colega pedagoga Thaís Silva dos Anjos que tem por título “PNBE na Escola: Circulação ou proteção dos livros?”

Apesar da existência desse órgão a precariedade das bibliotecas é patente e, em muitas escolas, ainda não existem bibliotecas, o que é inconcebível. Biblioteca escolar, que segundo Maciel, por Soares (2008, p.11) é um “espaço promotor da universalização do conhecimento e, também, da universalização do acesso a acervos pelo coletivo da escola”.

Tendo como alvo a formação educacional do indivíduo, uma biblioteca no espaço escolar vem a contribuir como instrumento de apoio ao trabalho pedagógico, desenvolvimento de práticas sociais de leitura, acesso e ampliação de novos conhecimentos Silva( 1986). Esse valioso suporte do processo de aprendizagem deveria ser um espaço dinâmico de aprendizagem, mas, infelizmente, o retrato que se tem dessas bibliotecas não é o esperado. Temos percebido que a biblioteca escolar tem sido apenas um compartimento das escolas, servindo de “depósito silencioso de livros” ( FREIRE, 1989,p.38), empoeirados, esquecidos, pela falta de ação do corpo docente ou pela falta de bibliotecários que possam dar suporte.

Ampliando o debate sobre a importância das bibliotecas escolares, Lourenço (1944) citado por Zilberman (2009, p.187), nos leva a refletir sobre o valor desse instrumento no processo de ensino e prática da leitura, quando se posiciona dizendo que “ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto”. Logo, verificamos que para formar leitores é preciso existir envolvimento entre corpo docente e bibliotecários, para ajudarem o aluno a ir em busca do conhecimento, facilitando sua atitude na biblioteca e a escolha de materiais, para progredir nos estudos Aguiar (2001).

A oportunidade de conhecer de ler as obras de Daniel Munduruku e realizar a atividade leitora na biblioteca foi muito significativo para mim, pois além de ampliar meus conhecimentos desvendando a bela obra de um autor indígena mais uma vez pude exercitar a prática leitora num espaço privilegiado como é a biblioteca. E copiando Colomer concluo que:

Compartilhar as leituras não apenas estabelece vínculos entre os leitores de alguns livros em um momento determinado, como os conecta com sua tradição cultural. (...) A escola tem dever de velar para que assim seja, já que as novas gerações têm direito a não ser despojadas da herança literária da humanidade. ( 2007, p.151)

## 7. Do Reino das Águas Claras ao Candeal

Do Reino da Águas Claras ao Candeal foi o título que recebeu a atividade realizada pelo Projeto Leitura com..., no bairro do Candeal Pequeno, em ação conjunta com o Projeto Livro Livre Salvador, no dia 17 de abril de 2009. Essa atividade teve como objetivo compartilhar com o outro a obra de Monteiro Lobato, visto que, no dia 18 de abril, é comemorado o Dia Nacional do Livro em homenagem a esse escritor, importante protagonista da história da literatura brasileira, em especial da literatura infantil. A atividade constou no primeiro momento, da leitura da biografia de Monteiro Lobato, com a participação de dois alunos da Escola Comunitária Maria de Lurdes. Em continuidade, uma das bolsistas convidou os ouvintes a uma viagem ao mundo da leitura lobatiana, por meio de sua obra “Reinações de Narizinho”. Feito o convite, diante de muitos olhares atentos, deu-se início à contação da história sobre certo reino, que fazia parte do mundo imaginário da menina Narizinho, o “Reino das Águas Claras”. Finalizando a participação no evento, a professora/orientadora do projeto Leitura com..., Lícia Beltrão, realizou a leitura da carta que Dona Benta escreveu aos moradores do Candeal Pequeno, com agradecimentos e saudação final. Essa carta tinha o seguinte dizer:

Carta de D. Benta à comunidade do Candeal

17 de abril de 2009,

Prezados moradores do Candeal, crianças, jovens e maiores  
Tomnado conhecimento  
De que minhas conterrâneas lobatianas (leitoras da obra de Lobato)  
Estariam visitando a comunidade  
Resolvi escrever-lhes esta carta  
Aqui, no Sítio, tudo vai bem  
A Narizinho e a Emília, como sempre,  
Inventando, cantando, brincando, tagarelado  
A Tia Nastácia da cozinha não sai,  
Preparando seus deliciosos quitutes  
E fez questão de preparar para vocês

Com muito carinho  
 Saborosos docinhos  
 Docinhos que seguem viagem  
 Levando a alegria, a amizade,  
 A doçura, a felicidade  
 Daqui para a cidade.  
 Espero encontrá-los a qualquer hora  
 Lendo em casa ou na escola  
 As fabulosas histórias  
 Que Monteiro Lobato  
 Tirou de sua cachola.

Beijo a todos, com carinho,  
 D. Benta, avó de Narizinho e Pedrinho

Terminada a atividade do Projeto Leitura com... , o Projeto Livro Livre Salvador assumiu o comando, disponibilizando os livros livres pela praça, para que seguissem viagem, despertando leitores adormecidos. Enquanto as crianças apanhavam os livros de literatura disponíveis, observávamos os comportamentos: pegaram os livros como se fossem verdadeiros achados, pareciam nunca tê-los visto, algumas crianças conseguiram dois, três até quatro livros outros um ou mesmo nenhum. Tentamos argumentar no intuito de que as crianças que apanharam mais livros pudessem oferecer um ao colega que não tinha nenhum. Eufóricos, alguns folheavam, sentiam e, curiosamente, focalizavam nas gravuras existentes nos livros, enquanto outros, com seu livrinho debaixo do braço ou preso às mãos pareciam querer protegê-lo, se assegurando de que ninguém fosse pegá-lo.

Mas, em meio a essa explosão de atitudes e sentimentos aflorados, eis que para surpresa nossa surgiu um garoto que não parecia bobo nem nada, propondo a troca do livro de Lobato “Reinações de Narizinho” que havíamos utilizado para contar a história da visita de Narizinho e Emília ao Reino das Águas Claras por três livros “livres” que havia conseguido apanhar. Queria trocar três por um. Ficamos surpresas com aquela atitude inesperada o que nos levou a perceber que a leitura realizada pôde alcançar aquele leitor que, de alguma forma, foi conquistado de tal forma, que parecia, naquele instante, realizar o desejo de Lobato, de que a leitura de seus livros pudessem despertar na criança o desejo de quererem morar neles, participarem com os personagens das histórias das aventuras, envolvendo realidade e fantasia características próprias da produção de lobatiana. E parece que isso se concretizou. Por algum momento pareceu-me que aquele menino franzino, de olhar curioso, queria mergulhar no livro de Lobato para desvendar os mistérios, outros

segredos do Reino das Águas Claras que não foram revelados, mas deixados em suspenso. Percebe-se na atitude do menino, destacando-se dos demais leitores, que o leitor em potencial é, como diz Nóbrega citando Ginzburg (1991), um caçador e detetive que aprendeu detetivescamente a interpretar as pistas deixadas em indícios, muitas vezes imperceptíveis para a maioria. Torna-se possível pensar que a leitura mediada articulada a uma prática leitora eficaz por parte de professores e por que não dizer também do bibliotecário é capaz de

tecer redes afetivas que são, a um só tempo, impressão e expressão do seu ser/ estar no mundo (...) servindo-lhes tanto como possibilidade de apropriação e produção, quanto de compartilhamento de saberes, que oportunizam a constituição de singularidades (...) articuladas (no) com o contexto, tecendo comunidades intersubjetivas, transformando realidades. (NÓBREGA, 2009, p.26-27).

### **7.1(Re) Encontro com o autor e sua obra**

A atividade “Do Reino das Águas Claras ao Candeal” foi uma grata experiência, uma oportunidade de reencontrar-me com o Lobato. Lembro-me, como hoje, guardado na memória, a hora em que o final da tarde marcava a melhor hora do dia, a hora em que juntamente com meus irmãos e vizinhos achegados, à frente da TV mergulhávamos na magia das histórias de aventura e fantasia vividas pelos personagens Narizinho, Emilia e Pedrinho no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Foram tardes que deixaram saudades, saudades lá no fundo do peito, de voltar a (re) viver bons momentos de outrora, que ficaram na memória.

Antes de realizar a disciplina “Oficina de Leitura: Por que ler...”, eu não conhecia a obra de Lobato “Reinações de Narizinho”. Foi durante o curso, embarcando na viagem das leituras desse livro sugerido pela professora Lícia Beltrão que conheci histórias, “onde se rompem (...) os domínios da realidade e da imaginação”, sonho e realidade se confundem: “Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama e já ia dormir quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente” (LOBATO, 2007, p.13). Essa é só uma das várias passagens que caracterizam as obras de Lobato destinadas à criança. O autor ultrapassa o mundo real, vai além da realidade concreta do cotidiano infantil, concorda Lopes, (1999). Tal produção literária faz também adultos, como nós, serem envolvidos na trama ficcional. Em alguns

momentos, inevitavelmente, somos envolvidos e penetramos no mundo imaginário onde tudo se faz possível (LOPES, 1999). Foi assim que, ao término da disciplina, o primeiro volume das “Reinações de Narizinho” fora lido pela turma. Leitura que serviu de base para realização de atividades outras que exigiram criatividade e imaginação.

E é, no Sítio, espaço estimado por Lobato, pelas lembranças dos tempos de criança, que foi protagonizada a história “Reino das Águas Claras”. Nesse lugar encantado, onde os sonhos e fantasias podem tornar-se realidade, também surgem outros universos paralelos (Lopes, 1999, p.19).

A obra “Reinações de Narizinho” estudada e apresentada ao público jovem, criança e adultos na comunidade do Candeal Pequeno é composta de várias histórias (já escritas por Lobato) contando com a participação dos personagens: Emília, a boneca que fala, Pedrinho e Narizinho, as crianças que participam das aventuras, o Visconde de Sabugosa, o sabugo de milho, que é um sábio, Dona Benta, Tia Nastácia, o Marquês de Rabicó e outros (Lopes, 1999). E como se não bastasse o universo imaginário do sítio, Lobato idealiza também o pó de pirlimpimpim para que outros universos possam ser explorados.

Segundo informações colhidas no site Projeto Memória, José Bento Monteiro Lobato autor da frase “Um país se faz com homens e livros” nasceu em 18 de abril de 1882 na cidade de Taubaté. Filho do fazendeiro José Bento Marcondes Lobato e de dona Olímpia Augusta Monteiro Lobato, segundo informações que obtive, foi inventor e grande escritor da literatura infanto-juvenil brasileira e um ícone da história da literatura (Coelho 1995). Foi muitos em um só: tradutor, escritor, contador de histórias, romancista, editor, colunista, cronista, livreiro, petroleiro... Dentre as obras literárias infantis que são protagonizadas no sítio estão:

- 1921 - O Saci
- 1922 - Fábulas
- 1927 - As aventuras de Hans Staden
- 1930 - Peter Pan
- 1931 - Reinações de Narizinho

Segundo o Projeto Memória, se Lobato estivesse vivendo em nosso tempo, seria um grande interneteiro. Estaria aproveitando ao máximo a interatividade, a possibilidade de diálogo, a capacidade de reunir gente oferecida pela rede mundial.

## 7.2. Encontros e mediação

No intuito de mobilizar leitores e não leitores de obras literárias, a atividade de contação da história sobre o “Reino das Águas Claras” compartilhada no Candeal Pequeno utilizou o recurso que a própria obra lobatiana nos dá, que é a liberdade de interagir com o texto na sua leitura e transmissão, se valendo da leitura polissêmica (ORLANDI, 1983) que a obra nos favorece. No movimento lúdico, envolvendo realidade e fantasia, a leitura de Lobato encantou e divertiu os ouvintes que compareceram à Praça do Candeal Pequeno. O público composto, em sua maioria, por crianças, apreciou a leitura, ora atento ora distraído por algum fato que ocorria nos arredores do ambiente em que estávamos. Os olhares atentos e curiosos de algumas crianças serviam de incentivo e motivação para mim, integrante do Projeto Leitura com... e para os demais integrantes darem continuidade à atividade, procurando se expressar da melhor forma possível para alcançar a atenção de todos.

Um dos fatores de realização de atividades como esta decorre da percepção que adquirimos da relevância de se “compartilhar com o outro”, em especial as crianças, uma obra literária. Segundo Colomer, o fato de ter

compartilhado contos nos primeiros anos de vida duplica a possibilidade de tornar-se um leitor, [...] falar sobre livros com as pessoas que nos rodeiam é fator que mais se relaciona com a permanência de hábitos de leitura, o que parece ser uma das dimensões mais efetivas nas atividades de estímulo à leitura. (2007, p. 143)

Além desse fator, o exercício de mediação de livros, no nosso caso obras literárias, com o outro

é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, 143)

Essa foi mais uma atividade que trouxe para mim e para aqueles outros que dela



participaram realizando-a, resultados importantes, como o desenvolvimento do exercício da prática de leitura, com a integração de outros leitores, as crianças, principalmente.

### 7.3 A literatura e Lobato

Ao falarmos de literatura, sobretudo a destinada ao público infantil, é inevitável não trazermos à memória um dos precursores da literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato. Como podemos aferir, as obras literárias infantil nasceram marcadas “pela intenção de formar crianças, de ensinar comportamentos e atitudes e de sedimentar uma ideologia, [...] de forma a condicionar para desempenhar seu papel na sociedade” (AGUIAR, 2001, p. 23).

Preocupado com a formação de seus filhos e, por extensão, com a de todas as crianças brasileiras, Lobato, que já escrevia textos para revistas e livros para o público adulto, a partir da década de 20, começa a questionar-se sobre a qualidade das obras destinadas às crianças. Dessa inquietação vem sugerir uma reformulação nesse modelo de produção considerado arcaico ultrapassado pelo próprio Lobato (COELHO, 2000). A literatura infantil brasileira toma então novos rumos, é criado um novo modelo de literatura infantil onde as crianças não seriam mais submetidas a leituras que não condiziam com sua realidade, seu mundo. Assim Lobato se propõe a escrever livros que permitissem à criança se desprender da vida cotidiana, transportando-se para um universo imaginário, obras nas quais elas se identificassem, e fossem capazes de dialogar, interagir.

Fazendo uma releitura das obras literárias dedicadas à criança, Lobato rompe com modelos instituídos, gerando “livros onde as crianças quisessem morar”. Sentimento vivido por ele, na infância, no livro *Robinson Crusóé*, por exemplo. (LOPES, 1999, p.17). Mas para que as crianças quisessem morar nos livros, deveria ser criada uma literatura infantil diferente, com uma lógica própria do mundo ficcional dialogando com o cotidiano próprio da criança.

Mediante a leitura de suas obras, como por exemplo, “Reinações de Narizinho”, percebemos que um dos marcos das obras lobatianas destinado à criança é, sem dúvida, o estímulo à imaginação. Para Gouvêa (1999, p.21), as obras de Lobato dialogam com a criança caracterizada por “uma inteligência viva e questionadora, qualitativamente diferente do

pensamento adulto, inteligência esta fundada na imaginação”. Então, uma forma de atraí-la seria falando-lhe à imaginação.

Fundamentada na construção de universos paralelos, onde realidade e fantasia se fundem, figuras se transformam, animais adquirem qualidades humanas, Lobato na década de 20 inaugura no Brasil uma produção literária destinada ao público infantil diferenciada das narrativas destinadas ao leitor adulto

especificamente, a publicação de 1921 da história de “A menina do nariz arrebitado”, que rompia com os cânones que regiam e balizavam o texto literário destinado ao público infantil e estabelecia novos referenciais centrados no estabelecimento de uma linguagem fundada no recurso ao fantástico e a imaginação (GOUVÊA, 2008, p.14)

Empenhado em seu objetivo, Lobato consegue alcançar o público infantil utilizando um estilo de linguagem diferenciado dos seus precursores. Segundo Lopes, optando por uma produção fundada na imaginação, o escritor se contrapôs a “uma produção que tinha como parâmetro a construção de um texto de caráter realista, que retratasse o cotidiano infantil e apresentasse modelos de comportamento, valores e atitudes a serem incorporados pela criança”.

Não é que a literatura infantil brasileira, anterior à produção de Lobato, tenha ignorado ou negado a dimensão da imaginação na conformação de uma psicologia da criança, desconsiderando-a como um dos elementos relativos ao universo infantil. Porém, percebia como uma das características que emprestavam à infância seu caráter deformado em relação à lógica adulta, sendo, portanto, pernicioso ao seu desenvolvimento. (LOPES, 1999, p.16)

Podemos, portanto, concluir que “se é a literatura de ficção, na sua globalidade, que deflagra a experiência mais ampla da leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais que, por isso mesmo, lhe são imprescindíveis.” (ZILBERMAN, 1986, p.22). E com ajuda de Colomer completo ainda dizendo que:

muitos livros infantis oferecem aos pequenos a confirmação do mundo que conhecem: a vida cotidiana em família, as compras, os jogos no parque, etc. Mas eles necessitam também de uma literatura que amplie sua imaginação e suas habilidades perceptivas, além de seus limites atuais de maneira que os melhores livros ilustrados são aqueles que estabelecem um compromisso entre o que as crianças podem reconhecer facilmente e o que podem

compreender através de um esforço imaginário, que seja suficientemente recompensado (...). (2007, p.57)

## 8. Notícias do Sítio: O São João está sendo preparado

A atitude das crianças com seus olhares atentos, curiosos e desejosos de conhecer mais a obra lobatiana, nos motivou a voltarmos, no dia 09 de junho, à Escola Comunitária Maira de Lurdes, situada no bairro Candéal Pequeno, lugar onde realizamos a atividade “Do Reino das Águas Claras ao Candéal”. Desta vez, motivadas pelo clima junino presente na escola, elaboramos as atividades com vistas a compartilhar com os alunos e comunidade escolar, que o São João também é festejado no Sítio do Pica-Pau Amarelo, com toda alegria e animação, principalmente, das crianças que participam como Pedrinho, ajudando na ornamentação da festa. Como encontramos registrado na obra *Reinações de Narizinho* (2007, p. 51).

O dia de São João era a grande festa no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Reuniam-se lá todas as crianças dos arredores para soltar bombinhas e pistolões e dançar em torno da fogueira. Pedrinho jamais faltou a essa festa anual, como jamais deixou de queimar o dedo. Um ano em que não queimou o dedo ficou muito admirado. Nos últimos tempos era Pedrinho quem pintava o mastro, caprichando em formar arabescos de todas as cores cada ano um estilo diferente. Também era ele quem fornecia a bandeira com o retrato de São João menino, de cruz ao ombro e cordeiro no braço.

Além de falarmos sobre a festa junina que acontece no sítio contando da sua alegria, diversão, brincadeiras, perguntei se conheciam a cantiga “Cai, cai, balão”; poucos conheciam, então ensinamos (Marília e eu) a cantiga e, em seguida, convidei a turma a ouvir o poema de Manoel Bandeira (1967) “Na rua do sabão” que tinha relação com o que havíamos acabado de cantar. Antes, porém de recitar pedimos que participassem dizendo o refrão a cada momento que levantasse a mão direita. Assim a cada término de uma estrofe ao levantar a mão as crianças cantavam o refrão.

Cai, cai, balão  
Cai, cai, balão  
Na rua do sabão!

O que custou arranjar aquele balãozinho de papel!  
Quem fez foi o filho da lavadeira.  
Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.

Comprou o papel de seda, cortou-o com amor compôs os gomos  
(oblongos...)

Depois ajustou o morrão de pés ao bocal de arame.  
Ei-lo agora que sobe, - pequena coisa ocante na escuridão do céu.  
Levou tempo para criar fôlego.  
Bambeava, tremia todo e mudava de cor.

A molecada da rua do sabão  
Gritava com maldade  
Cai, cai, balão.

Assim, realizamos a atividade, contando nossas descobertas sobre a festa do São João no Sítio, as curiosidades sobre a festa, as danças, as brincadeiras, as comidas, as vestimentas e, após recitar o poema, propomos uma atividade que Narizinho, Emilia e Pedrinho certamente iam gostar de participar que era as adivinhas, descobrir o que é, o que é? Ao fazer a proposta, a criançada se entusiasmou e à medida que Marília e eu dizíamos a adivinha (uma por vez) muitos respondiam espontaneamente tentando acertar. Essa foi uma atividade em que houve interação de todos, mesmos os mais tímidos se ariscavam junto com os outros acertar a resposta. Para concluir, pedimos que os alunos representassem em forma de desenho ou escrita como eles imaginavam ser o São João no Sítio do Pica-Pau Amarelo depois das informações que lhes trouxemos. Alguns realizaram a atividade outros, por ser já horário de saída, foram para casa justificando que não sabiam desenhar o que havíamos pedido, ou que não queriam. As crianças usaram a imaginação e fizeram ao seu modo a representação da festa do São João. Foi muito prazerosa e gratificante a realização desta que foi a última atividade do Projeto Leitura com..

A participação nessa atividade assim como nas demais atividades do projeto Leitura com..., além de proporcionar experiências importantes, que favorecerão a minha prática pedagógica, trouxe contribuições valiosas para minha formação intelectual, ao ampliar meus conhecimentos práticos e teóricos necessários à formação do pedagogo. O desenvolvimento de estratégias e planos de ações pedagógicas; as práticas de leitura realizadas nos espaços públicos; a interação com os indivíduos participantes das atividades; o conhecimento aprendido sobre leitura, literatura e gêneros literários e as trocas e partilhas de conhecimento efetivadas no GELING, onde o projeto está inscrito, desde o presente momento têm contribuído para minha formação acadêmica e, posteriormente, implicará na formação de meus futuros educandos.

## 8.1.Cultura popular

Com a atividade “Notícias do Sítio: O São João está sendo preparado”, encerramos o ciclo de atividades, as excursões, as viagens literárias do projeto Leitura com... e como todo encerramento pede comemoração, festa, nada mais apropriado que, explorando a riqueza da cultura popular, falarmos da festa mais afamada Do Sítio do Pica-Pau Amarelo, o São João.

A realização dessa atividade nos levou a refletir sobre cultura popular, sobre o papel, a relevância das festas, em especial, a junina no contexto sócio educacional.

Um país pluriétnico e multicultural, como o Brasil, possui, como não poderia deixar de ser, uma riquíssima literatura oral, transmitida de geração a geração, formando um repertório lúdico e mágico. São contos, fábulas, lendas, mitos, adivinhas, provérbios, histórias (...) que povoaram e povoam o universo imaginário dos brasileiros, trazendo as múltiplas visões de mundo dos povos que formam a identidade cultural de nosso país. (SILVA, 2008, p.134)

Para participar conosco dessa discussão, convido alguns autores conhecedores do assunto, certa de que esse diálogo produzirá bons frutos, ampliando nossa visão, nosso conhecimento sobre a temática proposta. Partimos, então, da interpretação de Beatriz Freire (2003) que afirma que “quando falamos de cultura popular estamos nos referindo não apenas às manifestações festivas e as tradições orais e religiosas do povo brasileiro, mas ao conjunto de suas criações, às maneiras como se organizam e se expressa, aos significados e valor que atribui ao que faz (...)”. Sobre a importância da cultura, Brandão (2008) entende que ela nos oferece “formas de aprendizagem e ensinamentos menos utilitários e instrumentais, do que os disponibilizados em geral por nossas escolas”. Para o autor a cultura popular é sobretudo cultura dinâmica presente no meio rural e urbano, que junta tradição e atualidade sempre em transformação, um encontro entre tempos e espaços, (...).

Como parte da cultura popular, através das festas, os indivíduos expressam sua cultura, na qual está “embutida seus conhecimentos, técnicas, artefatos, padrões de comportamento e atitudes”. (Murray, 2008). Entendemos então que as festas podem ser valioso instrumento de aprendizado. Silva nos lembra em seu texto “Educação e escola nas Festas da Cultura Popular”, por exemplo, que

(...) as pessoas e os grupos populares não têm, na maioria das vezes, o domínio da escrita como primeira forma de expressão. Seus “textos” são “escritos” em forma de dança, de cânticos rimados para justamente facilitar a memorização, seus objetos são as lendas, os mitos e as troças”. (2008, p.192).

Em outras palavras, a aprendizagem ocorre por meio da assimilação dos gestos e expressões e, ao ensinar por meio de “gestos e palavra falada, as festas e os contos populares transmitidos pela oralidade e pela memória vão compondo o jeito como cada indivíduo ou cada grupo tem de andar, falar, de se comportar (...)”. (SILVA, 2008, p. 193)

Falando em festa, mais especificamente sobre as festas juninas, foco de nossa última atividade do Projeto Leitura com..., podemos ressaltar seu caráter religioso que se caracteriza pelos festejos de Santo Antônio, São João e São Pedro, ocorrendo todos eles no mês de junho, o que explica o termo junino. Segundo Jair Pessoa (2008), essas festas chegaram até nós através dos colonizadores portugueses e num processo de modernização das tradições têm sido re-textualizadas. Hoje, como parte das tradições do povo brasileiro, as festas juninas são importante elemento do folclore nacional. Com seus simbolismos, práticas festivas, atividades de caráter lúdico favorecem o imaginário, a criatividade, além disso, se constitui como um evento “privilegiado de práticas coletivas, sociabilidades, representações, símbolos e rituais”. (MARTINS, 2008, p.57) E a escola, no uso de suas atribuições, deve valorizar esses aspectos que a cultura popular oferece.

Para finalizar, tomo de empréstimo as palavras do autor Júlio Silva (1986, p. 59): “Tendo o artista inúmeros caminhos, um destes caminhos encontra o folclore, ou recolhe das tradições populares os temas e, muitas vezes, o recorte linguístico do discurso”.

## 9.POR FIM...

Parece que foi ontem, mas não foi! Já se passaram muitas estações e a primavera de novo chegou. Durante essas estações, quantas novidades! E, a cada estação novas emoções, novas aprendizagens para proporcionar nossos debates na academia ou na escola com toda equidade. Durante as estações, houve tempo para muitas coisas, fazer amizade, aprender de verdade que a vida só faz sentido, quando interagimos com o outro. O tempo também favoreceu o fortalecimento, do conhecimento, das relações e dos sentimentos. Nos encontros presenciais ou virtuais foram construídos laços sociais e profissionais. Durante todo o tempo e as estações, eu aprendi, aprendi que se aprende fazendo, praticando, valorizando a leitura, a literatura, seja do outro ou a sua.

A leitura dos livros teóricos e literários que realizei foi uma oportunidade perfeita para compartilhar leituras e escrever sobre a leitura, a partir deles ou com eles, em um processo marcante de atividade que estiveram relacionados à leitura, o que me proporcionou experiências valiosas que beneficiaram a ampliação do domínio da língua, da expressão comunicativa. Benefícios que contribuirão na minha prática pedagógica e me acompanharão durante minha vida.

A participação nas atividades do projeto Leitura com..., além de proporcionar experiências importantes, que favorecerão a minha prática pedagógica, trouxe contribuições valiosas para minha formação intelectual, ao ampliar conhecimentos práticos e teóricos necessários à formação do pedagogo. O desenvolvimento de estratégias e planos de ações pedagógicas; as práticas de leitura realizadas nos espaços públicos; a interação com os indivíduos participantes das atividades; o conhecimento aprendido sobre leitura, literatura e gêneros literários e as trocas e partilhas de conhecimento efetivadas no GELING, onde o projeto esteve inscrito, desde o primeiro momento, vem contribuindo para minha formação acadêmica e, posteriormente, positivamente implicará na formação de meus futuros educandos.

Fazendo parte do projeto Leitura com..., tive a oportunidade de participar de atividades como: ELEGE – Encontro de Leitura e Escrita do Geling (sendo monitora); Projeto Livro Livre Salvador, nas atividades "Gestos de Delicadeza"- Shopping Iguatemi; "O Bazar do

Ricardo"- Largo do Garcia; "Daniel Munduruku: sua história e outras histórias"- Biblioteca Juracy Magalhães Junior; "Do Reino das Águas Claras ao Candeal : histórias lobatianas; "Notícias do Sítio:O São João está sendo preparado"- Escola Comunitária Maria de Lourdes. A participação nesses eventos científicos e culturais foi muito importante para meu desenvolvimento pessoal e intelectual. Foram momentos intensos de troca, interação, mediação e aprendizado que ficarão guardados na memória e um dia hei de contar essas experiências, essas histórias a alunos, amigos, parentes e filhos.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez...na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

AZEVEDO, Ricardo. **Armazém do folclore**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. Conto popular, literatura e formação. In: SILVA, René Marc da Costa Silva. **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

ARAPIRACA, Mary. A. Carta a Monteiro Lobato. Ceap **Revista de Educação**, Salvador, v. 10, p. 29-36, 1996.

BAJARD, Elie. **Ler e dizer**: compreensão e comunicação do texto escrito. São Paulo: Cortez, 2005.

BICALHO, Gabriel. **Caravela (redescobrimento)**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

BIGNOTTO, Cilza. C.. Monteiro Lobato educador. *Presença Pedagógica*, v. 14, p. 12 - 18, 2008.

BOCHECO, Eloí Elizabete. **Batata cozida, mingau de cará**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília, 1997, p.144.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000, p.159. (Série nova consciência).

\_\_\_\_\_. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo. Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na Escola. São Paulo: Globo, 2007

COSTA, Cristiane Dantas. **Madalena**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

<http://www.danielmunduruku.com.br/>

DIAS, Cezar. **Tubarão com a faca nas costas**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo)

FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Medicas, 2003.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo. Ática. 1994. Série Educação em Ação.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2007.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Lendo e escrevendo Lobato**. BeloHorizonte: Autêntica, 1999.

MACIELI, Ira Maria. Os gêneros textuais. Revista Brasileira de Educação vol.12. nº.36 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros textuais**: definições e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, M<sup>a</sup> Auxiliadora (orgs). 2 ed. Rio de Janeiro. Lucerna, 2002.

MENDONÇA, Luciana de. **Abraão e as frutas**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.(Coleção literatura para todos).

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. **Antologia de contos indígenas de ensinamento**: tempos de histórias. São Paulo: Moderna, 2005.

MUNIZ, Dinéia Maria Sobral. LIMA, Maria Lucileide Mota. Leitura, diálogo e educação. In: MUNIZ, Dinéia Maria Sobral. SOUZA, Emilia Helena P. M. de. BELTRÃO, Lícia Maria Freire. **Entre textos, língua e ensino**. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2007.

MURRAY, Roseana. **Manual da delicadeza de A a Z**. São Paulo: FTD, 2001.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. No espelho, o Trickter. In: SANTOS, Fabiano dos. Marques, José Castilho Neto. ROSING, Tânia M. K (Org.). **Mediação de leitura**: discussão e alternativas para formação de leitores. São Paulo. Global, 2009.

<http://www.obrasileirinho.com.br/estmulo-leitura-atravs-do-projeto-livro.html>29 de abr. de 2009

OLIVEIRA, Ana Cristina Araújo. **Cobras em compota** . Brasília. Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. **Entre as juntas dos ossos**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

ORLANDI, Eni. **A produção da leitura e suas condições:** Leitura, teoria e prática. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1983.

PAIVA, Aparecida. et al. (org.). **Democratizando a leitura: pesquisa e prática.** Belo Horizonte. Autêntica, 2008. Coleção Literatura e Educação).

\_\_\_\_\_. SOARES, Magda (orgs.). **Literatura infantil:** políticas e concepções. Belo Horizonte. Autêntica, 2008. (Coleção Literatura e Educação).

PELLEGRINI, Domingos. **Família composta** Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

PESSOA, Jadir de Moraes. Festas Juninas. In: SANTOS, Fabiano dos. Marques, José Castilho Neto. ROSING, Tânia M. K (Org.). **Mediação de leitura:** discussão e alternativas para formação de leitores. São Paulo. Global, 2009.

PIMENTEL, Luís. **Cabelos molhados.** Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

<http://www.projeto memoria.art.br/MonteiroLobato/index2.html>

<http://www.ricardoazevedo.com.br/biografia.htm>

[http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/leis/2003/lei10753.htm.29 de abr. de 2009](http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/leis/2003/lei10753.htm.29%20de%20abr.%20de%202009)

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Viagens de leitura. Brasília. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação à Distância. 1996. (Cadernos da TV Escola).

ROCHA, Rute. **Minidicionário.** São Paulo. Scipione, 1996

SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. **Democratizando a leitura:** pesquisas e práticas. Belo Horizonte. Ceale: Autêntica, 2004.

<http://www.roseanamurray.com/index.asp>

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca..** Campinas, SP: Papirus, 1986.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura popular, linguagens artísticas e educação.** In: SANTOS, Fabiano dos. Marques, José Castilho Neto. ROSING, Tânia M. K (Org.). **Mediação de leitura:** discussão e alternativas para formação de leitores. São Paulo. Global, 2009.

\_\_\_\_\_. **Educação e escola nas festas da cultura popular.** In: SANTOS, Fabiano dos. Marques, José Castilho Neto. ROSING, Tânia M. K (Org.). **Mediação de leitura:** discussão e alternativas para formação de leitores. São Paulo. Global, 2009.

SONIA, Salomão Khéde. **Literatura infanto-juvenil.** Porto Alegre. Mercado Aberto, 1986. 168p. (Novas Perspectiva, 18)

TEIXEIRA, Rinaldo Santos. **Léo, o pardo**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.

\_\_\_\_\_. ROSING, Tânia M. K. São Paulo. **Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas**. Global, 2009.